

Ministério

Uma revista para Pastores e Obreiros

Março-Abril DE 1998



O pastor e suas prioridades



Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS

11 ATIVISMO POLÍTICO PASTORAL

Princípios que orientam o envolvimento do pastor nas questões sociais.

24 O SÁBADO NOS EVANGELHOS

Ao contrário de abolir o sábado, Cristo apenas atualizou sua observância.

27 REMÉDIO CONTRA O EGOÍSMO

Um estudo sobre os três dízimos encontrados na Bíblia.



13 OS IMPERATIVOS DA PREGAÇÃO

Para ser efetivo, o pregador deve estar ligado com as pessoas.

16 PRIORIDADE MÁXIMA

Substituir o essencial pelo importante, traz sérios prejuízos para a Igreja.



3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

9 PONTO DE VISTA

20 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

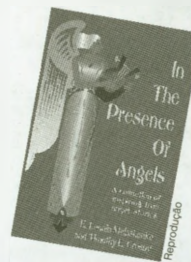
31 LIVROS



SEÇÕES

22 OBSERVAÇÕES DE UM PSICÓLOGO

Por que muitos pastores estão buscando terapia psicológica.



Ano 69 – Número 02 – Mar./Abr. 1998
Periódico Bimestral

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Elen G. Rodrigues; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; José S. Ferreira; Izéas Cardoso; **Capa:** Elen G. Rodrigues - **Fotos:** Daniel e William

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br> E-mail: Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br Redação: redacao@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000; Tatuí, SP

Atração salvadora



Zinaldo A. Santos

Quando, no início dos anos 70, foi lançado o programa evangelístico da Semana Santa, uma expressão servia para caracterizar a participação de obreiros voluntários e pastores no estabelecimento e liderança de pontos de pregação: “levantar um calvário”.

Embora hoje a palavra calvário, às vezes, ainda seja empregada no mesmo contexto, outras frases foram criadas com o objetivo de identificar a programação com algum fato ou alguma promoção especial destacados durante o ano. Mas, inegavelmente, nenhum outro lema ou frase superam o profundo significado da primeira, especialmente quando lembramos as palavras de Cristo, ditas a alguns gregos que manifestaram desejo de vê-Lo, uma semana antes da Sua morte: “E Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim mesmo.” (João 12:32).

Quando foi pronunciada, essa declaração era surpreendente. Se fosse mencionada por alguma autoridade que tivesse à sua disposição toda a riqueza do Império Romano, e todo o poder de suas legiões, poderia até ser levada a sério. Mas não era esse o caso do humilde Mestre galileu. O caráter

insólito da afirmação de Jesus é evidenciado também pela razão invocada para explicar como Ele Se converteria no centro de atração do mundo – “quando for levantado da Terra” –, e que também é enfatizada pelo evangelista: “Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer.” (v. 33).

Noutras palavras, o segredo da atração de Cristo não seria a Sua vida, nem Seus ensinamentos, por mais belos, sublimes e inimitáveis que tenham sido, mas Sua morte. E morte de cruz. De repente, a fria e repulsiva morte se torna em algo atrativo. A repulsa e ignominiosa cruz é tomada por um magnetismo salvador. Não por méritos próprios, mas pelo poder do amor de Deus manifesto através delas.

A partir de então, o poder atrativo de Jesus manifestou-se maravilhosamente. Roma, Atenas e Jerusalém simbolizavam, por assim dizer, toda a sociedade do Império Romano. Roma possuía a riqueza, o poder, a organização e a jurisprudência. Atenas era detentora do pensamento e da arte em todas as suas manifestações. Jerusalém era a dona da verdade religiosa e a mais alta norma moral do Império. No entanto, elas se odiavam entre si, formando uma sociedade grandemente dividida.

Mas quando os discípulos começaram a “levantar” a Jesus por todos os quadrantes do Império, o ódio foi dando lugar ao amor em muitos corações, que, esquecendo-se de que eram gregos, romanos ou judeus, tornaram-se irmãos cristãos. Cederam à atração de Jesus, exercida desde o Calvário, e se uniram uns aos outros no Seu amor.

O mundo hoje não está menos dividido. Há um emaranhado de pensamentos que se entrecrocaram, ideologias e conceitos que se bifurcam. Vivemos numa sociedade contraditória. Porém, onde quer que se levante um

calvário, onde quer que se levante a Jesus, os resultados serão os mesmos do primeiro século da Era Cristã. Milhares de pessoas sinceras e desejosas de salvação, se deixarão atrair pelo poder do amor que teve na cruz sua expressão máxima.

Quando criança, fui aprendiz do ofício de sapateiro com meu pai. Algumas vezes, na modesta oficina, a tarefa a mim designada era a de recolher os pregos que sobravam do trabalho dos operários mais experientes. Para isso, tinha que passar um ímã por cima das mesas, balcão, e até no chão. Depois de recolhê-los, deveria selecionar os que ainda poderiam ser reutilizados. Mas, como criança, eu não perdia a oportunidade de me divertir um pouco. E brincava com o ímã, aproximando-o dos pregos somente para vê-los, de início, manifestar aparente “resistência” àquela força, movendo-se de um lado para outro, e, finalmente, serem captados.

Há uma lição nesse fenômeno: Jesus é o grande ímã. Quem for achado no campo magnético do Seu amor, não resistirá muito tempo. E, mais uma vez, estamos diante da oportunidade de erguê-Lo diante de homens e mulheres, jovens e crianças, através do evangelismo da Semana Santa. Apenas o Seu amor quebranta corações.

Diz Ellen White: “O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário. Apresento perante vós o grande, magno monumento de misericórdia e regeneração, salvação e redenção – o Filho de Deus erguido na cruz. Isto tem de ser o fundamento de todo discurso feito por nossos ministros.” (*Evangelismo*, pág. 190). □

O alvo é a excelência

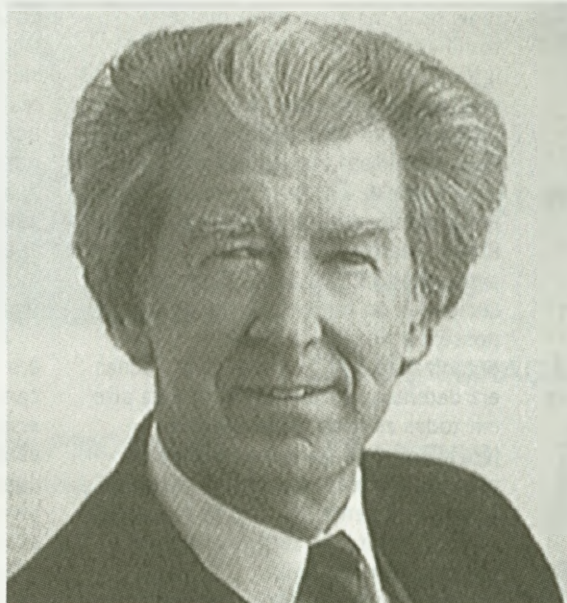
O mundo moderno representa um formidável desafio para o pastor. Com suas mudanças rápidas, descobertas fantásticas, crescente secularismo e desinteresse pelos assuntos religiosos, requer pastores altamente capacitados, poderosos, com uma mensagem relevante e que corresponda às exigências e necessidades de uma sociedade cada vez mais complexa.

E esse tipo de desafio não é novo. Se observarmos as características da sociedade do primeiro século, vamos encontrar muitas semelhanças com a civilização atual. Aquele era um mundo dominado, em grande medida, pela filosofia grega, pelo materialismo romano, pelo tradicionalismo judeu e pelas superstições pagãs. Mas os discípulos, cheios do Espírito Santo, abalaram as estruturas sociais e religiosas de então.

O apóstolo Paulo, enquanto zelosamente executava seu trabalho, percebeu que viriam tempos de maior complicação teológica, acentuada pelo misticismo de pessoas arrastadas por paixões pecaminosas que as levariam a abandonar a verdade, substituindo-a por postulados teológicos humanistas. Ele advertiu: "Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar

ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas" (II Tim. 4:3 e 5).

O futuro de Paulo já é nosso presente. E precisamos estar preparados para a luta.



Dr. Rex Edwards

Isso significa dizer que não devemos nos contentar com um preparo medíocre, superficial. A excelência deve ser nosso alvo. Ininterrupta reciclagem espiritual e intelectual. Para falar sobre esse assunto, *Ministério* entrevistou o Dr. Rex Edwards, diretor do programa de Educação Contínua da Associação Ministerial, da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia. "Sem a unção diária do Espírito, nenhum pastorado será efetivo. O

grande alvo da Educação Contínua é a excelência a serviço d'Aquele que fez tanto por nós", ele afirma.

Confira, a seguir, os principais trechos da entrevista realizada no IAE, campus central, durante o concílio ministerial da Divisão Sul-Americana.

Ministério: Fale sobre o programa de Educação Contínua.

Dr. Edwards: Vamos começar dizendo que a Igreja Adventista do Sétimo Dia sabia da importância da Educação Contínua, desde o tempo de Ellen White. Ela lembrava reiteradamente que isso deveria ser um aprendizado de longo prazo; que o processo educacional não deveria estar limitado ao tempo em que os futuros pastores recebem preparo para a obra ministerial. Eu costumo dizer que os Seminários não usam atender ninguém que deseje aprender após esse período. A razão

para a Educação Contínua, portanto, é muito óbvia. Dois fatores combinados contribuíram para a sua criação. Uma é a rápida expansão do conhecimento, e a outra é a obsolescência de coisas que foram úteis no passado. Educação Contínua não é destinada a indivíduos que não sejam profissionais, mas é para dar ajuda prática a profissionais. Os objetivos da Educação Contínua são melhorados através do trabalho prático. Entre os ministros

há diferentes níveis de experiência e aptidão. Existem os aspirantes, há os ministros ordenados cuja experiência os torna mais produtivos, e aqueles que estão prestes a se aposentar. As necessidades dessas três categorias são bem diferentes. Então, o programa de Educação Continuada foi estabelecido para atender essas necessidades. Acho que seria muito arrogante para qualquer pessoa que planejou a Educação Continuada, ou para qualquer líder, assumir a idéia de que pode atender todas as necessidades de um grupo tão diverso. A ênfase da Educação Continuada agora é que cada pastor cuide de seu próprio crescimento.

Ministério: *O programa é exclusivo para pastores, ou obreiros de outras áreas também podem ser beneficiados?*

Dr. Edwards: A Educação Continuada é algo que deve ser levado a sério por todos os profissionais: médicos, professores, advogados, etc. Mas nesse caso específico, não colocamos sob a nossa responsabilidade a Educação Continuada desses grupos. Existem anciãos que são professores, médicos, contadores, que podem e devem crescer em suas respectivas áreas profissionais. Tratamos da Educação Continuada em termos ministeriais. Evidentemente, a Associação Ministerial é responsável pelo treinamento de anciãos; e há manuais produzidos com esse objetivo. Então, os secretários ministeriais e pastores podem reunir os anciãos, dar-lhes um curso com base nesses manuais, e, premiá-los com um certificado de participação nesse curso.

Ministério: *Mas esse treinamento, que também envolve preparo para as tarefas ministeriais, não poderia ser feito num contexto de Educação Continuada?*

Dr. Edwards: Não no sentido formal. Porque a Educação Continuada deve estar relacionada com uma profissão específica. Ao ser administrada, deve ser compatível com a atividade profissional de quem a recebe. Por exemplo, se o ancião é um dentista, ele certamente participará de Educação Continuada na área odontológica. O mesmo acontece se ele é um advogado ou médico. Nós trabalhamos com os pastores. Precisamos separar o que a profissão de um indivíduo requer como Educação Continuada para a sua área, daquilo que, como pastores, fazemos com ele no sentido de habilitá-lo a ser um eficiente líder voluntário na igreja.

Ministério: *O senhor considera que o pastor hoje é um homem devidamente preparado para enfrentar os desafios do mundo atual?*

Dr. Edwards: Eu acho que atualmente temos mais condições de acesso a informações e coisas que nos possibilitam um preparo mais eficaz, do que tínhamos alguns anos atrás. Não posso falar muito sobre a América do Sul, mas posso falar sobre a América do Norte, onde, na última década, surgiram muitos programas destinados a aprimorar o desempenho do pastor. Por exemplo, na maioria dos seminários, foram instalados centros de treinamento permanentes de Educação Continuada, nos respectivos campus. O Seminário Teológico de Prince, em Nova Jersey, estabeleceu que o primeiro dia de cada mês seja destinado à Educação Continuada. A Universidade Andrews desenvolveu um programa denominado "Sementes 97", relacionado à implantação de igrejas. Especialistas de várias partes do mundo ajudaram os pastores a desenvolver suas habilidades em plantar novas igrejas. Há seminários de liderança, pregação, entre outros assuntos. Essas iniciativas são muito importantes. E o pastor também deve tomar a iniciativa de buscar seu próprio crescimento. Acho que, inclusive, deveria ter um orçamento para isso.

Ministério: *Muitos pastores são premiados por um volume de trabalho tão intenso que afirmam não dispor de tempo para tal iniciativa.*

Dr. Edwards: Esta é uma questão que não deve ser desconsiderada, porque toca no assunto da prioridade. Na verdade, os professores dos seminários também enfrentam a mesma dificuldade, em diferentes ângulos. Por exemplo, alguns, sob a influência da escatologia da iminência, se perguntam: se Cristo está voltando, por que devo investir tanto tempo em preparo intelectual? Fui informado de que aqui mesmo no IAE, estão planejando um programa de treinamento para cinco anos. Por que gastar tanto tempo estudando grego e hebraico? Esse aprendizado pode ser questionado com o argumento de que é desnecessário para a pregação do evangelho. A questão relevante diz respeito às prioridades do nosso trabalho. Certamente, uma delas é a proclamação do evangelho. Mas um dos resultados dessa proclamação é o crescimen-

to da igreja. Conseqüentemente, o pastor deve fazer discípulos e envolvê-los na missão. Onde ele vai adquirir habilidade para essa tarefa? Como ele pode manter-se no apogeu de sua capacidade de ensino e de pregar? Se o pastor alega falta de tempo para estudar, seu futuro ministerial está comprometido.

Ministério: *A seu ver, quais as maiores ameaças à eficiência do pastor?*

Dr. Edwards: Acho que a maior delas é o problema do gerenciamento do tempo. A Educação Continuada nunca acontece por acaso. Tem de ser uma coisa intencionalmente planejada. Há uma necessidade de avaliação, e o pastor tende a resistir qualquer tipo de avaliação de programa. Na Associação Geral, temos preparado instrumentos de avaliação, pelos quais a congregação pode avaliar seu pastor. Há também instrumentos que a Associação pode utilizar para avaliar o pastor. Sem essa avaliação, o pastor não pode conhecer suas reais necessidades. Se o pastor se submete a isso, não há dúvida de que estará no caminho do crescimento. Isso não significa diminuição de sua personalidade, descrença em sua capacidade, ou uma forma de criticá-lo. Não significa que sua carreira será comprometida. Vai simplesmente expor seus pontos fracos e propor caminhos de melhoramento. Se o pastor deseja realmente crescer, ele deve começar com uma avaliação de suas necessidades. Conhecidos os pontos fracos, é preciso estabelecer uma estratégia de mudança, que envolve um plano de aprendizado. Há três tipos de aprendizado: o estilo formal, o estilo independente e o interativo. Alguns pastores aprendem muito melhor numa classe formal. Outros têm o estilo independente. Nesse caso devem se submeter a um programa de estudo pessoal. Nós temos audiovisuais para isso, nas áreas de pregação, liderança, motivação e outras, e quem desejar pode entrar em contato conosco. Se o pastor é de estilo interativo, se dará bem num grupo de diálogo. Também oferecemos material para isso.

Ministério: *O senhor é reconhecido como um ótimo pregador. Que segredos apontaria para melhorar a nossa pregação?*

Dr. Edwards: Se o pastor está atento aos meios de comunicação, ele sabe o



William

efeito da televisão sobre as pessoas. Nenhum pregador pode mais assumir que seu auditório está disposto e hábil para aprender, porque a televisão prejudicou o mecanismo de resposta das pessoas. Ela exerce um impacto muito grande sobre o telespectador. No conforto de sua casa, as pessoas ligam o televisor e têm acesso a programas culturais e informativos apresentados com o máximo de excelência. Se as pessoas observam no pregador um padrão de comunicação inferior ao que vêem na televisão, sua credibilidade será significativamente reduzida. Há muitos estudos na área da dinâmica da pregação. Por exemplo, na base de nosso cérebro, há uma glândula, uma retícula de ativação de sistema. É um filtro. Em todo momento, nossa mente é bombardeada por todo tipo de estímulo. E o objetivo dessa glândula é levar-nos a focalizar uma coisa de cada vez. As pesquisas têm mostrado que apenas três coisas podem quebrar esse filtro: uma coisa rara, inusitada, algo de valor, ou uma coisa que nos ameaça. Então o pregador chega no sábado pela manhã, ou vai ensinar na

classe de Escola Sabatina, falando coisas que, na maioria das vezes, não têm a menor relevância para os ouvintes. A mente do povo vai divagar. O pregador precisa conhecer as necessidades de seus ouvintes, contextualizar sua mensagem, torná-la prática. Como Jesus fazia. Ele não apenas recebia as mensagens de Seu Pai, mas também entendia a maneira como deveriam ser apresentadas.

Ministério: *Em termos práticos, quais o senhor imagina serem as características de um pastor capaz de enfrentar os desafios do mundo atual?*

Dr. Edwards: A Igreja do futuro passará por uma grande mudança. Certamente, a igreja local funcionará como um seminário, onde o pastor será visto como o reitor, e os membros serão seus colegas de ministério. Essa é a maneira como eu vejo a Igreja do futuro. Então o pastor precisa esmerar-se no preparo intelectual; e a Igreja tem tomado providências para isso. Segundo uma determinação do Concílio Anual, acho que de 1985, toda organização empregadora denominacional deveria

tornar possível para que cada pastor sob sua jurisdição dispusesse de pelo menos 20 horas anuais de Educação Contínua. Essa é uma maneira formal de avisar ao pastor sobre o que a Igreja espera dele. Mas nós podemos trabalhar de duas maneiras: se o Campo falha em cumprir esse propósito, o pastor tem algo escrito sobre um direito legítimo que lhe pertence.

Ministério: *Quais são as maiores necessidades do pastor adventista, atualmente?*

Dr. Edwards: Depende de onde ele esteja atuando, falando agora geograficamente. Para um norte-americano, a qualificação requerida para começar o trabalho é o Mestrado em Divindade. Isso é mais abrangente do que o requerido na África Ocidental, por exemplo. Há lugares onde a formação pastoral é inferior ao segundo grau. Volto afirmar que cada pastor deveria tomar um propósito para melhorar sua Educação Contínua, baseado nas necessidades pessoais que ele detectou e avaliou. Pessoalmente, acho que a maior necessidade do pastor é ter habilidades exegeticas. Então o conhecimento das línguas originais da Bíblia vai torná-lo um exegeta muito mais habilitado. Quando ele pregar, sua congregação vai estar sob o julgamento da Palavra. Através dele, a Palavra fala. Além disso, ele será mais eficiente ainda em dar estudos bíblicos pessoais. Acho também que o pastor precisa desenvolver habilidades interpessoais, baseado em princípios psicológicos e pedagógicos. Como eu poderia estar hoje aqui, se não fosse a habilidade de um pregador? A experiência nos ensina que os bancos nunca podem ser levantar mais alto do que o púlpito. Outra necessidade do pastor é a disciplina espiritual diária. Ele deve estar tão dedicado a essa disciplina, que lhe seja suprida abundante força do Espírito Santo indispensável ao desempenho do seu trabalho. Sem a união diária do Espírito, seu ministério não será efetivo. O grande alvo da Educação Contínua é a excelência a serviço daquele que fez tanto por nós.

Ministério: *A mensagem final para os pastores.*

Dr. Edwards: Prioridades. Estabeçam suas prioridades, bem definidas. Somos os servos dos servos de Deus. Aquele a quem nós servimos merece o melhor que podemos dar. □

Nem tudo está perdido

LUCILA S. AROUCA

Professora na Unicamp, e membro da igreja central de Campinas, SP



Que é perda? Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, essa expressão é definida como "ato ou efeito de perder" ou "privação de uma coisa que se possuía". Ou ainda "morte, perda de uma pessoa querida". Ao refletirmos sobre a perda de um ente amado, logo nos vêm à mente sentimentos de dor, amargura, ressentimento, privação, angústia e revolta; sofrimento e infelicidade pelos quais passamos no decurso de nossa existência.

Parece-nos impossível continuar a viver sem nossos queridos que já se foram; mas, ao mesmo tempo, devemos continuar enfrentando a realidade e procurar aceitar a privação. Pensando em minha própria história de vida, e na amargura e infelicidade

causadas pela invasão da morte em meu lar, decidi analisar certas questões para as quais ainda não tenho todas as respostas, mas que, gradualmente, com o poder de Deus, procuro compreender e assim dar apoio àqueles que, como eu, estão enfrentando a angústia da constante interrogação sobre a causa motivadora da perda.

Acredito que não é fácil consolar alguém. Afinal, pessoalmente experimentei momentos angustiosos de perda. Lembrome bem daquele dia 2 de abril de 1989, uma manhã úmida em que a terra recendia o perfume das plantas e do verdor da relva, quando, no Cemitério do Flamboyant, em Campinas, SP, deixei meu querido companheiro Morency Arouca, pai de meus quatro filhos e com quem vivi por 35 felizes anos de casamento, além dos quatro de namoro e noivado.

Desde então, o Senhor tem me ensinado algumas coisas úteis para ajudar a superar o vazio e a dor da perda.

Aceitação da realidade

Quero partilhar, neste artigo alguns pontos desse aprendizado.

Cada vez que recebia manifestações de pêsames, dos conhecidos e amigos, minhas perguntas eram: como vou enfrentar o cotidiano, sem a presença do meu marido? Por que isso me aconteceu? Então, fui aconselhada por um tio, sábio, e também sofrido pela perda de um de seus filhos, no sentido de que jamais deveria perguntar a Deus o porquê do meu sofrimento e da perda do meu ente amado.

A vida não nos dá garantia de nada. Aceitar as limitações é uma condição complexa, mas necessária a fim de sabermos enfrentar o futuro diante das frustrações da vida.

Na verdade, os momentos de felicidade ao lado dos nossos queridos não são definitivos. Entretanto, Deus nos faz promessas maravilhosas e confortadoras, como a que encontramos no Salmo 85:10: "O amor e a fidelidade se encontrarão; a justiça e a paz irão andar de mãos dadas." (BLH).

De que maneira o cristão pode enfrentar perdas de pessoas queridas e mesmo assim cultivar um espírito alegre e positivo? Evidentemente, nossa vida nunca mais será como anteriormente; a saudade e a dor são sentimentos que se mesclam e nos deixam literalmente dilacerados. Contudo, devemos continuar a viver, trabalhar e cuidar de nossos afazeres domésticos e profissionais, e até planejar atividades de lazer para os demais membros da família.

Em seu livro *Aprendendo a Caminar en Soledad*, a conselheira I. Trobisch, afirma: "Dê um passo por vez; Deus somente nos mostra o passo seguinte." Tudo o que podemos fazer é continuar vivendo, confiando nas promessas divinas e não nos deixar tiranizar pelas ansiedades e pelas tarefas maiores que teremos de enfrentar. No processo de aceitação da nossa situação, em meio à obscuridade de nossa dor, devemos dar graças pelos anos felizes que foram vividos juntos, nos quais aprendemos a nos conhecer e a nos amar. Na aceitação gradual dos fatos, encontraremos a paz.

Cresceremos quando pudermos encontrar forças para "ajudar a consolar os desesperados! Então, a luz aparecerá brilhante, em meio às trevas e a escuridão se tornará clara como o meio-dia. O Senhor nos guiará para sempre, mesmo em situações difíceis, Ele nos dará força e alegria". (Isa. 58:10 e 11).



William

Outra questão importante e geradora de conforto refere-se ao fato de que “quando começarmos a escutar o canto dos pássaros, saberemos que estamos chegando ao final do túnel”, de acordo com Trobisch. Ela ainda acrescenta que, para crescer, para renascer, devemos ser vulneráveis e abertos ao amor, mas também terrivelmente abertos à possibilidade de continuarmos sofrendo.

Solidariedade

Como Deus participa do processo de superação da perda na vida do Cristão? Uma vez que Ele promete que “enxugará dos olhos todas as lágrimas e haverá um dia em que não teremos mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois tudo já ficou no passado” (Apoc. 21:4), não estamos sós, mas temos um grande amigo – Jesus – ao nosso lado.

Não importa o tamanho da crise. Somente Deus, que tudo vê e avalia nossas ações, sabe perfeitamente o que é bom para nós. Assim, não podemos nos rebelar contra um Deus e Senhor poderoso, justo e bom, sempre pronto a curar nossas mágoas bem como perdoar nossa incredulidade frente às circunstâncias que alteram nosso viver. Em meu caso particular, antes, tinha ao lado meu companheiro, o amigo que me assistia e consolava na dor, na doença, nos momentos difíceis do processo educacional dos filhos, na solução de

problemas pessoais, profissionais ou domésticos. De repente, encontro-me sozinha e perguntando: a quem pedirei ajuda?

Descubro então, pouco a pouco, que Deus está sempre perto, tão solidário à minha dor e à minha tristeza. E dessa maneira, Ele que já fazia parte da minha vida, como um convidado de honra constante ao meu lar, passou a ser meu melhor amigo e confidente. Afinal, Ele mora “também com os humildes e os aflitos, para dar esperança aos humildes e aos aflitos, novas forças”. (Isa. 57:15).

“Quando começarmos a escutar o canto dos pássaros, saberemos que estamos chegando ao fim do túnel.”

Como podemos transmitir uma influência cristã e positiva, além de apoiar alguém que se sente magoado e deprimido? Confiar que não é uma tarefa fácil. Mas creio que, com muita oração e mantendo comu-

nhão íntima com a Unidade Trinitária, é que poderemos sentir paz e consolo, partilhando com outros a solidariedade que recebemos de Deus.

Por mais difícil que seja o caminho percorrido, e ainda que não vejamos luz no final do túnel da vida, vale a pena atender o conselho: “Vivam alegres com a esperança que vocês têm; tenham paciência nas dificuldades e nunca deixem de orar.” (Rom. 12:12).

Somente buscando e obtendo o poder que sabemos estar no Deus Trino é que poderemos sentir Sua operação em nós, restaurando-nos a segurança e a confiança para enfrentarmos as lutas do cotidiano.

Visão positiva

“A vida é cheia de rosas, embora também existam espinhos. Acontece que, quando aparece um espinho, passamos dias com eles nas mãos, ferindo-nos, magoando-nos, desesperando-nos. E deixamos de lado as rosas incontáveis, coloridas, belas e perfumadas. Esquecemo-nos delas, ou não temos olhos para contemplá-las”, como escreveu o Pastor Tércio Sarli (*Revista Adventista*, março/97, pág. 12).

Não temos somente tristezas em nossa vida. Há também momentos de muita alegria. Há situações muito gratificantes como, por exemplo, ver nossos filhos crescerem e se tornarem pessoas equilibradas, responsáveis, cristãs; podermos conhecer os nossos netos. A vida pode nos oferecer muitos encantos, mediante as ricas bênçãos de Deus. Mesmo que as intempéries nos surpreendam, por vezes, temos muito a louvar e a agradecer ao Pai celestial.

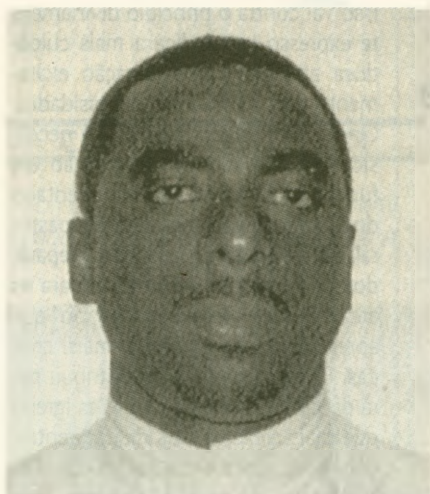
Creio que a alegria e o pensamento positivo devem ser nossos objetivos primordiais. Apesar de tudo, “temos a vitória por meio d'Aquele que nos amou... não há nada que possa nos separar do amor de Deus, que é nosso por meio de Cristo Jesus, o nosso Senhor.” (Rom. 8:37 e 38).

Ainda que haja sofrimento, dor e mágoa, é indispensável cultivar pensamentos positivos e ter alegria nas oportunidades que a vida nos oferece. Somente através de uma atitude de permanente comunhão com Deus é possível encontrar alívio para a dor de uma perda. Num espaço de dois anos, perdi meu pai, meu esposo, minha sogra e minha mãe. Entretanto, encontramos, meus quatro filhos, suas respectivas famílias e eu, muita segurança e confiança nas preciosas e infalíveis promessas de Deus. □

A hora da transferência

RAYMOND EDWARDS

Pastor na Associação do Sul
do Caribe



José D. Arrington

Não importa onde. Não importa quem. Qualquer transferência pastoral causa suspense e especulação. Por quê? Por motivo das dificuldades associadas com a relocação? Ou em virtude de que a mudança pode afetar o futuro de um pastor?

O assunto das transferências desperta tanto interesse por causa da emoção de assumir uma nova tarefa, ou pela chance de escapar dos "atormentadores"? Ou será porque a relocação oferece uma oportunidade para a reflexão acerca dos sucessos ou fracassos do ministro?

Acho que há alguma verdade em todas as afirmações acima. Mas acima de tudo, o mais saudável numa transferência pastoral é sua possível contribuição para o cumprimento da missão.

Bases Para a Relocação

Durante anos, tenho observado que os administradores de um Campo reorganizam os pastores nos distritos em função do que consideram os melhores ajustes. Algumas dessas mudanças têm-se revelado um sucesso e outras se demonstram enorme fracasso. A maioria delas, entretanto, fica num meio termo com possível tendência para o pior. As lições que sobram desse processo são interessantes e, possivelmente, importantes e úteis para o desenvolvimento de um mais consciente objetivo missionário. Apesar de não termos abundantes dados empíricos para tirar conclusões exatas a respeito da reacomodação pastor-igreja, a evidência que resulta dos casos, em geral, indica que há um certo padrão ou uma base para tais deslocamentos. Acho que existem pelo menos quatro modelos diferentes, e ainda é possível propor um quinto.

1. O fator prestígio. Esse modelo coloca as igrejas numa certa escala e pressupõe que elas valem mais ou menos, em função de fatores demográficos: nível sócioeconômico e de educação dos membros, tamanho e beleza dos edifícios, localização no centro, bairro ou zona rural, e contribuições para o Campo. Ao mesmo tempo, a equipe pastoral é classificada de acordo com algumas qualificações perceptíveis como nível de escolaridade, certo carisma, modo de se vestir e de falar. As responsabilidades são distribuídas por um processo de relacionar essas duas escalas: a das igrejas ou distritos com a das pessoas disponíveis. De acordo com esse modelo, a igreja "mais importante" recebe o pastor que possui os traços de personalidade e habilidades que o destacam, enquanto que "os menos brilhantes" vão para os "fins de linha". Um pastor afir-

mou, certa vez: "O lugar para onde você é enviado é a mais exata avaliação que você pode esperar ou desejar. O que a administração pensa a seu respeito fica evidente no momento da transferência."

2. O fator prêmio/punição. Para classificar as igrejas, esse modelo utiliza uma escala baseada no número de membros, edifícios, finanças e localização. A designação pastoral, entretanto, está baseada no favor ou desfavor da administração. Os "postos mais cobiçados" vão para os "afilhados da administração", enquanto que as áreas mais frustrantes vão para os "desfavorecidos". Um pastor que foi transferido recentemente, comentou: "Eu sabia que o presidente não gostava de mim. Esta transferência demonstra que eu estava na sua 'lista negra'."

Outro fator nesse modelo é a confiança administrativa. As igrejas mais influentes são designadas aos considerados mais leais ou que poderiam apoiar a administração em ocasiões críticas.

3. O fator figurino. Esse fator propõe um ajuste entre a cultura peculiar de uma igreja e as características pessoais mais salientes de um pastor. A pretensão desse modelo é conseguir esse "casamento" entre a igreja e a personalidade do ministro, para que haja o mínimo de desajuste na operação.

4. O fator relações humanas. Aqui está um modelo que é multidimensional. As decisões são tomadas em função de logísticas como: casa própria, trabalho da esposa, escola para os filhos, a idade do pastor em relação ao clima ou topografia do lugar, etc. Esse modelo segue a máxima: "A saúde organizacional depende do conforto do obreiro."

Análise dos Modelos

Compreensivelmente, há vantagens e circunstâncias que podem justificar a pre-

ferência por um modelo em detrimento dos demais. Há também suficientes evidências para sugerir que os relativamente curtos pastorados dos ministros adventistas rendem mais, ou pelo menos a mesma coisa, que os termos mais longos. Então, a questão que se coloca não é se a reacomodação de pastores é saudável ou não para nossas igrejas. Antes, é preciso considerar alguns pontos. Que esquema ajuda mais ou fere mais a igreja e sua missão, quando chega a hora de trocar de pastor? Sob que condições maiores benefícios podem ser auferidos com a mudança?

A prevalência do modelo baseado no prestígio, pelo qual um pastor mais aquinhoado recebe o púlpito de elite, pode contribuir para frustrar o desenvolvimento do Campo. As igrejas mais fracas têm sido negligenciadas e ficam subdesenvolvidas. Como resultado, se tornam mais fracas ainda e, assim, menos atrativas e recebem pastores menos talentosos. O resultado é um círculo vicioso: os pastores mais deficientes vão para as igrejas mais fracas, onde se deparam com uma receita já encaminhada que vai resultar no pouco desenvolvimento da igreja – sinal da disfunção organizacional.

Enquanto que as igrejas mais fortes e eficientes podem não ser beneficiadas com práticas de destaque em função de prestígio, as igrejas mais fracas tendem a depender muito do pastor para as suas necessidades de desenvolvimento, e, geralmente, ficam pior pela ausência de liderança qualificada ou motivada.

Onde as transferências pastorais indicam um esquema de prêmio/punição ou favor/desfavor o resultado será uma ciranda de jogo de influências, politicagem e tramas por posições, acompanhadas de subterfúgios e minagem profissional. Um resultado inevitável desse modelo é um clima estranho na organização, com perda do espírito de camaradagem, confiança, e motivação. Além disso, institui-se um tremendo prejuízo para o caráter sacro e fundamental do chamado, bem como do rito da ordenação. Trabalhar dentro desse modelo sujeita os pastores a um enorme dano espiritual, profissional e psicológico, e desvia as energias essenciais da missão da igreja para as políticas institucionais.

O modelo figurino pode ser bom para descobrir o pastor melhor talhado para as necessidades da igreja, mas em geral não

é suficiente para se conseguir um sensível salto em termos de crescimento. O modelo baseado nas relações humanas, embora atenda bem ao conforto do pastor, esposa e filhos, levanta dúvidas a respeito do legado bíblico de altruísmo que deve estar presente no ministério.

Por causa da insuficiência desses quatro modelos, temos que buscar a resposta para a seguinte questão: Será que não há outro ingrediente ou princípio que possa nortear a dinâmica da transferência pastoral e resolver esse dilema?

Habilidade e necessidade

Eu gostaria de sugerir um modelo que leva em conta um abrangente plano, ou visão para o desenvolvimento, e que incorpora uma interessante revisão analítica das habilidades ministeriais e das reconhecidas necessidades locais.

O princípio determinante de uma transferência pastoral deveria ser o fortalecimento de cada igreja, para o cumprimento da missão.

É preciso fazer a distinção entre esse modelo e o modelo figurino, o qual se baseia no ajuste entre o clima da igreja com os traços do comportamento pastoral, com a intenção de reduzir o atrito e o estresse organizacional. O modelo baseado na habilidade/necessidade, por outro lado, enfatiza o ajuste entre a habilidade pastoral e as necessidades locais dentro de um senso de desenvolvimento capaz de prever e utilizar ações que resultem em sucesso definitivo. O mais interessante é que essa adequação entre a habilidade da liderança pastoral com as reais e identificadas necessidades de crescimento da igreja também acaba resultando na amenização do clima de problemas da igreja, pois os problemas sociais por si mesmos contribuem para a improdutividade.

Dessa forma, o princípio determinante subjacente a qualquer transferência pastoral se materializa em um e somente um fator: o fortalecimento de cada igreja, pa-

ra que possa cumprir a missão do evangelho em sua localidade. Se nossa missiologia tem que ser o vetor fundamental de nossa existência, as igrejas pouco desenvolvidas ou com pouco poder não são capazes de completar tal missão. Elas vão continuar frágeis até que recebam alguém capaz de assisti-las adequadamente e promover o crescimento e funcionamento satisfatórios.

A base teológica para esse modelo baseado nas necessidades e habilidades, pode ser encontrada na comparação da igreja com um corpo, feita por Paulo em Efésios 4. Da mesma forma que cada parte do corpo é importante para sua função e missão, também na Igreja – todas as igrejas são importantes para o desenvolvimento e concretização da missão do total corpo de Cristo. Se uma Associação designa seus melhores pastores para as igrejas mais aquinhoadas,

isso vai contra o princípio divinamente expresso que indica a mais cuidadosa atenção e consideração exatamente para as maiores necessidades. Onde este modelo baseado na necessidade/habilidade, ou designação em função do desenvolvimento orientado do Campo guia a distribuição pastoral, os melhores e mais bem preparados pastores são designados para as áreas menos desenvolvidas ou que apresentam necessidades mais críticas. Esse expediente irá contribuir para diminuir a diferença entre as igrejas que mais crescem e as mais carentes, dentro de certa Associação ou Missão. As pessoas tão preparadas como Paulo devem ir e ajudar as áreas tão deficientes quanto a Macedônia (Atos 16:7-10).

Ideal

A colocação dos pastores no campo tende a refletir as crenças e compromissos da igreja em termos de missão. Qualquer consideração que impeça esse sagrado ideal frustra o conceito adventista de terminação da Obra. Se estamos interessados em concluir a Obra e se queremos usar as transferências pastorais com o objetivo de fortalecer a igreja local nesse sentido, devemos adotar o modelo baseado nas necessidades e habilidades. A importância do ministério deve ser avaliada em termos de desenvolvimento e realizações do Campo e não pela ocupação de um púlpito de elite como demonstração de boa organização, força da igreja ou cumprimento da missão. □

Ativismo político pastoral

CLIFFORD GOLDSTEIN

Jornalista, editor da revista Liberty, nos Estados Unidos, dedicada à liberdade religiosa



Divulgação

Um pastor adventista recebe uma carta de uma organização política cristã, implorando-lhe em nome de Deus para participar, com sua congregação, de uma manifestação antiaborto. Uma outra carta veemente, ocasionalmente sublinhada

em vermelho, pede seu apoio à luta pela inclusão dos "direitos gays" na legislação estatal.

O ministro recebe também um chamado telefônico de um colega pregador, de outra denominação, que igualmente solicita seu apoio num boicote a uma rede de hotéis que oferece aos hóspedes filmes pornográficos. Outros pedidos aparecem. Dessa vez a igreja é solicitada a se unir à comunidade para pressionar a direção de uma escola pública, no sentido de retirar de sua biblioteca livros que o pastor, muito francamente, jamais gostaria que fossem lidos pelos seus filhos nem pelos juvenis de sua igreja.

Indubitavelmente, a maioria dos ministros adventistas deveria concordar com muitas, talvez todas, dessas causas. Entretanto, concordar não é a mesma coisa que comprometer-se e aos recursos de sua igreja em lutar por elas. Advocacia política, feita por pessoas leigas no assunto pode, não raro, estar contaminada por riscos imprevisíveis; quanto mais em se tratando de pastores e igrejas. Isso não significa que pastores adventistas ou suas congregações nunca devam unir forças com outros cristãos em defesa de mudanças políticas. A questão é saber sob quais condições, e sob quais riscos, isso deve ser feito.

Somente Deus

Quaisquer que sejam as decisões que fazemos, como seres humanos, inevitavelmente partimos da premissa que sempre exercemos influência onde atuamos. Como cristãos adventistas do sétimo dia, nosso ponto de partida, nossa premissa, deveria ser o fato primordial da nossa fé, traduzido na realidade de "ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rom. 5:8). Na cruz, o Senhor fez por nós o que jamais poderíamos fazer por nós mesmos, ou seja, a expiação pelos nossos pecados. "Somente Deus", escreveu Hegel, "pode salvar-nos", e somente esse Deus foi capaz de "resgatar-nos da maldição da lei, fazendo-Se Ele próprio maldição em nosso lugar" (Gál. 3:13).

Assim, o Calvário prova que a esperança da humanidade não pode estar centralizada nos seres humanos, suas filosofias, instituições, e seus próprios sistemas de governo. A morte de Cristo foi uma resposta às necessidades espirituais do homem, não uma resposta política para as necessidades políticas. E os problemas da humanidade, em seu âmago, são espirituais; não políticos. Na verdade, a cruz não anula a necessidade de se empreender esforços em favor das instituições humanas ou sociais; o que a cruz realiza, no entanto, é ajudar a colocar cada coisa em sua verdadeira perspectiva.

Porém, mais que Sua morte, a vida

de Cristo deveria servir de advertência àqueles que simpatizam com o ativismo político. Apesar dos tremendos males sociais e políticos de Seu tempo (a ocupação romana não era exatamente uma utopia liberal), Jesus permaneceu claramente apolítico. Os críticos freqüentemente questionam o silêncio de Cristo sobre o maior dos males sociais daquela época: a escravidão. Evidentemente, Jesus Se preocupou com esse e outros problemas sociais existentes, mas Sua estratégia de ação era buscar mudar as pessoas, interiormente, o que, por sua vez, poderia resultar na mudança das instituições, e não vice-versa. Isso é visto através de uma declaração feita num contexto diferente: "O Meu reino não é deste mundo. Se o Meu reino fosse deste mundo, os Meus ministros se empenhariam por Mim..." (João 18:36).

A questão do testemunho

Num recente artigo escrito para a revista *Liberty*, Edward Dobsom, editor da revista *Christianity Today*, explicou a razão pela qual ele recusou sucumbir às pressões para envolver sua igreja em política. Salientou que os crentes, individualmente, podem exercer seus direitos de cidadania. Podem votar, fazer campanha, e até mesmo concorrer a algum cargo público. Mas a Igreja, como uma instituição, disse ele, não poderia se deixar envolver pelo ativismo político. "Como um antigo membro de uma organização política, eu sei o perigo potencial desse tipo de atividade, a possível substituição do evangelho pela agenda política", afirmou Dobsom.

A observação é extremamente correta. Quanto tempo, energia e dinheiro são dispendidos em tentativas políticas de reformas (na melhor das hipóteses, soluções temporárias), ao tempo em que se impede a disseminação do evangelho, que é o único meio eficaz de reformar um país? Cada centavo investido em apoio aos "direitos gays" ou cada hora empregada em piquetes numa clínica de aborto, representam centavos e horas perdidos, que poderiam ser gastos pelo ministério cristão.

Por outro lado, um gay que presenciou um grupo de cristãos berrando numa passeata ou uma mulher que esteve mofando junto com cristãos piqueteiros na frente de uma clínica de aborto, certamente não

dariam ouvidos a esses mesmos cristãos que, em outras circunstâncias, fossem lhes falar do amor perdoador de Deus. O próprio Cristo talvez não conseguisse muito sucesso em alcançar prostitutas e outros pecadores se tivesse assumido posição partidária.

No entanto, novamente insistimos: isso não significa que os ministros não deveriam influenciar reformas sociais e políticas; pelo contrário, significa que deveria pensar muito cuidadosamente antes de fazê-lo.

Legislando moralidade

Embora muito se tenha dito que "é impossível legislar sobre moralidade", a verdade é que isso é possível. Na realidade, lei é nada mais que moralidade legislada. Pat Buchanan, Madonna, ou Dennis Rodman, todos desejam moralidade legislada, embora tenham diferentes pontos de vista sobre qual moralidade se deve legislar.

Otrossim, em virtude de que a moralidade está inevitavelmente ligada à religião, numa sociedade cristã e democrática, seria muito natural que igrejas, pastores e o povo em geral pudessem estar envolvidos na formulação de leis. Separação entre Igreja e Estado, segundo o erudito Ronald Dworkin, significa que "nenhum grupo é julgado bastante inteligente ou numeroso para decidir sobre assuntos essencialmente religiosos em nome de todos os demais". Isso não quer dizer que valores morais, mesmo aqueles ligados à religião, não desempenhem papel importante na formação da opinião pública.

Diferentemente dos séculos passados, a batalha, pelo menos na área pública, não é sobre formas religiosas (dogma, doutrina, liturgia), mas sobre valores religiosos. Qual é seu lugar no quadro público? Alguns filósofos, como Peter Singer e Helga Kushe, argumentam que em virtude de o princípio expresso de igualdade de toda vida humana, o qual sublinha o debate a respeito da pena de morte, aborto e eutanásia, estar baseado sobre a teologia cristã, não lhe deveria ser permitido influenciar as decisões da opinião pública, pelo menos numa posição extrema.

Em contrapartida, muitos adventistas gostariam de concordar com o antigo presidente da Suprema Corte de Justiça dos Estados Unidos, Earl Warren, que argumenta no sentido de que uma lei proibindo matar não pode ser invalidada só por

que acaba concordando "com os princípios das religiões judaica e cristã, enquanto pareça discordar de outras". Vale lembrar que Warren escreveu isso como parte de seu raciocínio numa decisão sustentando a validade de leis dominicais.

Uma linha de ação

Que curso, então, deveria um ministro adventista tomar em relação ao ativismo político? Deveríamos evitar todo e qualquer envolvimento, particularmente por causa de nossa escatologia? Deveríamos nos recusar apoiar qualquer legislação que pudesse ter uma conotação religiosa, temerosos de que isso pudesse levar à perseguição? Ou poderíamos, sem saber, estar tornando parte de alguma coisa que poderia ir muito longe?

Desafortunadamente, não existe nenhuma fórmula simples; nem um absoluto *sim*, ou *não*. Ademais, os adventistas são indiferentes quanto a se fazer *lobby* a favor ou contra leis que afetem seus interesses. Por que então não poderíamos ajudar a legislar outras reformas? Ellen White, por exemplo, era tão inflexível em sua luta contra o alcoolismo, que encorajou os adventistas a carregarem seus vizinhos, igualmente abstêmios, em carroças e vagões, para uma eleição que decidiria sobre o assunto numa cidade – mesmo num sábado.

A linha básica é a seguinte: os ministros adventistas precisam fazer suas próprias escolhas. De fato, eles poderiam aconselhar-se, não apenas com os anciãos, mas com os líderes de seus Campos, ou ainda com o Departamento de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa das Organizações Superiores, em virtude das muitas armadilhas espirituais existentes nesse campo.

Ativismo político para um pastor tem potenciais recompensas e riscos. As bases para uma escolha raramente são definitivamente claras, mas envolvem usualmente a permanência ao lado do que é uma linha ondulante, tênue, e algumas vezes quebrada. Mais que qualquer coisa, o pastor necessita de sabedoria do Alto para decidir como responder a próxima carta, sublinhada de vermelho, requerendo urgentemente seu envolvimento num assunto moral em relação ao qual, mais freqüentemente do que parece, a voz mansa e suave do Espírito fala-nos dizendo o que é certo e o que é errado. □

Os imperativos da pregação

CHARLES BRADFORD

*Ex-presidente da Divisão
Norte-Americana dos Adventistas
do Sétimo Dia*



Divulgação

O caminho que leva à pregação eficaz passa pela necessidade humana. Não é nosso conhecimento teológico, tampouco nossas habilidades homiléticas, o que realmente importa. A compreensão do coração humano, seus anelos mais profundos, suas reais necessidades, eis a chave que abre portas para a entrada da mensagem. Falar ao povo de coisas reais e práticas é o “abre-te, Sésamo” prático, a bala mágica, se é que tal coisa existe, que permite chegar ao coração.

Foi isso que fez de Jesus o mais efetivo de todos os pregadores: “Mas o próprio Jesus não Se confiava a eles, porque os conhecia a todos. E não precisava de que alguém Lhe desse testemunho a respeito do homem, porque Ele mesmo sabia o que era a natureza humana.” (João 2:24 e 25). Ezequiel foi aos exilados em Tel-Ábibe, e sentou-se com eles, durante sete dias. “Findo os sete dias”, diz o profeta, “veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem: Eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; da Minha boca ouvirás a palavra, e os avisarás da Minha parte.” (Eze. 3:15 a 17).

Evidentemente, a orientação de Deus – a vertical – é prioritária; porém, a orientação horizontal, o voltar-se para o povo, representa o efeito final. Torna a orientação vertical uma realidade funcional na experiência humana. A pregação efetiva parte de uma interação dinâmica com Deus, tanto dentro da família da fé, como na comunidade em geral. Foi a noite de luta entre Jacó e o anjo que Lhe deu “poder com Deus e com os homens”. A fim de poder comunicar-se com o povo, pregar com eficácia, o pregador deve identificar-se com as pessoas, conhecê-las. Isso não significa necessariamente que deva andar apertando mãos por todos os lados ou saudando todo mundo em todo lugar. Mas também não pode ser um boneco de cera. Todos os bons pregadores “se ligam”. Alguns chamariam isso de “química”. Precisamos conhecer o povo o suficiente para nos ligarmos a ele. Como disse Jesus, “Tenho-vos chamado amigos”. Noutras palavras, tudo o que se requer do pregador é que ele seja humano.

Quando nos introduzimos na Palavra e interagimos com o povo, a mensagem de Deus virá, e, com ela, a urgência da Sua parte. A semana que Ezequiel passou em contato com o mundo real, onde o povo estava, foi para ele como um colírio que Lhe abriu os olhos. Produziu assombro, convertendo-o num grande comunicador. “Eles, quer ouçam quer deixem de ouvir, porque são casa rebelde, hão de saber que esteve no meio deles um profeta.” (Eze. 2:5). Os pregadores eficazes são impulsionados e constrangidos, como disse Paulo.

Paixão genuína

Nenhuma pessoa adquire tal experiência na sala de aula. W. E. Sangster fala do dia em que João Wesley levou um de seus jovens pregadores a passear num mercado especializado na venda de peixes, em Londres. Quando o pregador em questão ouviu “a colorida e terrenal” linguagem das vendedoras, e estava prestes a sair correndo do local, tomado por um santo horror, Wesley o deteve e disse: “Pára, Sammy, ouve, e aprende a pregar!” Aliás, as vendedoras de peixe também precisavam ser alcançadas. Os pregadores não devem se comportar como santarrões que não podem ouvir o povo, mesmo que nem todas as suas expressões sejam puras. Aquelas mulheres não estavam tomando o nome de Deus em vão, mas imaginando que estivessem perto disso.

Devemos pensar muito no povo dos dias atuais: velhos, jovens, homens, mulheres; bons, maus e indiferentes. Não como gostaríamos que fossem, mas com todos os seus defeitos e necessidades. Ao



William

nos prepararmos para pregar a essas pessoas, deveríamos nos perguntar a nós mesmos: "Que tipo de experiência viveram durante a semana?" Quando o povo diante do qual nos colocamos chega a ser parte de nós, e nós dele, o grande imperativo de compartilhar é alcançado. E enquanto lutamos com a Palavra e o texto, tratando de penetrar neles, é impossível não desejar repartir tudo isso aos demais.

O seguinte comentário de Ellen White é pertinente: "Quando vos regozijardes com a Palavra de Deus por causa da luz que dela obtivestes, apresentai-a a outros, para que também se regozijem convosco. Mas que vossa comunicação seja livre e que saia do coração. Podeis falar melhor com o povo onde ele está, em vez de buscar palavras elevadas que alcancem o terceiro céu. As pessoas não se encontram lá, mas neste mundo triste, pecaminoso e corrupto, lutando com as duras realidades da vida." (*Counsels to Writers and Editors*, pág. 87).

Uma das regras imperativas da pregação é: não pregar nada que não supra uma necessidade de nossa própria vida; nada

que não tenha beneficiado e enriquecido nossa alma. Primeiramente, nós devemos saborear o achado. O povo deve saber das coisas, não porque nós lhe dizemos, mas porque são uma profunda realidade conhecida experimentalmente.

Comunicar a descoberta

Não existem muitas pessoas no mundo que estejam emocionadas com a Palavra de Deus. Elas quererão ver e ouvir esta raridade: um ser humano, não um santo embalsamado, falando do que lhes interessa, ou seja, significado da vida, recursos, direção e fortaleza.

Fala-se muito da alegria da descoberta. Mas eu gostaria de ampliar esse pensamento: que tal compartilhar o gozo de nossas descobertas, comunicar essas riquezas? Mais ainda, animar o povo a encontrar tais riquezas, por si mesmo, a fim de que possa dizer: "Achadas as Tuas palavras logo as comi; as Tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração, pois pelo Teu nome sou chamado, ó Senhor, Deus dos Exércitos." (Jer. 15:16). "Alegro-me nas Tuas pro-

messas, como quem acha grandes despojos." (Sal. 119:162). Anime o povo, pregador, a apossar-se desses tesouros por si mesmo.

Imperativo escatológico

Em seguida, vem o imperativo escatológico, a realidade daquelas coisas que não se vêem e uma clara consciência da finitude e brevidade de todas as coisas. O povo necessita ordenar suas prioridades. Separar o trigo do joio e das trivialidades. Existe um sentido de urgência, porque a vida é curta, o tempo se esvai, os planos e propósitos de Deus se aproximam do cumprimento total. Essas riquezas compartilhadas são eternas; representam um tesouro.

Como saber o que as pessoas necessitam? Quais são suas deficiências espirituais e pessoais? O que devem saber acerca de Deus, Sua Palavra, e sobre si mesmas, a fim de crescerem na graça? Às vezes penso em certo tipo de pesquisa. Alguns amigos meus, jovens pregadores, também apreciam e vêem nisso uma boa maneira de determinar as ne-

cessidades doutrinárias, bem como identificar as necessidades e debilidades em nosso marco teológico, tanto congregacional como pessoal.

Entretanto, há certas coisas que podem ser conhecidas sem necessidade de pesquisa. Edgard Jackson, especialista em psicologia pastoral, estima que "entre um grupo de qualquer tipo de pessoas reunidas, 20 estarão lutando com a angústia, 33 com problemas de ajuste matrimonial, 50 com sérias dificuldades emocionais, uns 20 com alguma neurose leve, e de três a oito com a solidão, ligada a impulsos homossexuais". (Merryl R. Abbey, *Communication in Pulpit and Parish*, pág. 174).

Necessitamos elevar o assunto da pregação para além da atuação. O encargo que Jesus deu a Seus discípulos e a nós é muito desafiante: "Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim. Verdadeiramente vos digo que lhe confiará todos os seus bens." (Luc. 12:42-44). Nós ministros manejamos os nutrientes essenciais que sustentam a vida espiritual.

Se suprirmos as necessidades de nosso povo, se nos ligamos a ele, posso assegurar-lhes que o fogo se acenderá. O comentário mais significativo que poderia ser feito em resposta a um sermão, não é o de sempre – "gostei do seu sermão, pastor"; ou "ótimo sermão, pastor!" –, mas, "o senhor estava falando para mim". Em algum momento, alguém lhe perguntará: "Quem lhe disse que eu estou passando por isto?" Então você saberá que a mensagem atingiu o objetivo.

O papel da técnica

Tudo o que foi dito anteriormente não dispensa a técnica, a necessidade de prestar atenção às regras. Mas se queremos alcançar as pessoas através de todas as vias corretas, envolvermo-nos na tarefa de aguçar as habilidades para nos tornarmos melhores comunicadores, será uma grande ajuda. Meu pai, que foi um ministro durante 50 anos, costumava dizer-me: "Filho, não desperdice o tempo." Os pregadores

africanos têm um ditado segundo o qual "o sermão é uma estrada aguda". A pregação deve ser bem feita, com habilidade, sem muito floreado retórico, e, definitivamente, deve ir muito além da mera representação e atuação.

Costumo usar uma técnica a que chamo de OVTE, desdobrada da seguinte forma:

Observação – Examine a passagem da Escritura, de todas as formas possíveis.

Verdades – Faça uma lista de todas as verdades aí encontradas. Isso vai requerer certa concentração.

Tema – Existe um elo nesta passagem bíblica. Encontre-o, siga-o, dê-lhe um nome.

Em algum momento, alguém perguntará ao pregador: "Quem lhe disse que eu estou passando por isto?" Então a mensagem terá cumprido seu objetivo.

Esboço – Se o trabalho nas partes anteriores foi completo, está na hora de começar a fazer um esboço. Se não, faça uma prova comparativa com outras passagens que têm sido uma bênção para seu coração. Pouco a pouco, o resultado surgirá. Em tempo, não jogue no lixo seus rabiscos e anotações. Tudo isso permanecerá aceso em sua mente. Nada se perde.

Clareza necessária

Vivemos numa época de palavras com duplo sentido, os jargões, os tecnicismos e a sobrecarga de informação. Há muitas vozes confusas. Ninguém parece compreender o que diz o outro. Os pregadores não devem cair nesse padrão. A clareza é um imperativo. Não podemos nos dar ao luxo de ser obscuros. Devemos eliminar impiedosamente todo excesso de verbalismo, toda palavra que possa obscurecer o assunto.

Pensemos no sermão como um organismo integrado e crescente, dinâmico, mais do que como um projeto de construção. Uma planta em crescimento deve receber cuidado e atenção. Um velho lavrador falou-me certa vez da semente de morango. "Você tem de cultivá-la durante os 12 meses do ano", disse ele.

Assim é a mensagem eficaz. Para que tenha coesão, consistência e encadeamento, são necessários tempo e esforços persistentes.

Se levarmos o povo a nos acompanhar passo a passo, ele responderá. Se estamos onde o povo está, se nos sentamos onde as pessoas estão sentadas, compreenderemos algo a respeito de seus anelos e de suas mais profundas necessidades. É por isso que os pregadores não somente têm que ligar as pessoas com eles – com sua mensagem –, mas também eles mesmos devem estar ligados com as pessoas. Jamais devem permitir que os ouvintes retornem para casa levando suas necessidades insatisfeitas.

Jesus descreveu as pessoas como ovelhas sem pastor. Quando descobrimos algo que pode beneficiá-las, devemos estar ansiosos para compartilhar isso com elas, convidando-as a regozijarem-se conosco e beneficiarem-se de nós. Isso é parte do nosso trabalho como seu pastor. Os pregadores deverão dizer-se a si mesmos,

antes de cada oportunidade que têm para falar ao povo: vou partilhar com meus ouvintes as emocionantes coisas que Deus me mostrou.

Quais são, então, os imperativos que me comovem quando tento cumprir as expectativas do Céu e suprir as necessidades do povo? Primeiro, há o imperativo de enfatizar e compartilhar apenas aquilo que tem sido uma bênção para mim. Em seguida, estou comprometido a cavar profundamente, para aguçar minha mensagem. Devo ainda animar o povo a adquirir a Palavra de Deus. Também devo torná-lo participante desse ministério; assim como as organizações empresariais agem, atualmente, em relação a seus empregados: fazendo-os participantes de suas conquistas.

Finalmente, há o imperativo da clareza. Se a mensagem não pode ser ouvida ou entendida, não é mais que um metal que soa ou címbalo que retine. □

Prioridade máxima

HORNE P. SILVA

D.Min., professor de Teologia, jubilado, reside em São Paulo, SP



O sexto capítulo do livro de Atos marca um avanço distinto na carreira da Igreja cristã primitiva. Os eventos dos primeiros dias daquela comunidade são bem semelhantes a todas as experiências modernas. A Igreja acabava de receber grandes bênçãos e maravilhosas revelações, e estava enriquecida com extraordinários poderes.

É curioso como, diante de uma grande surpresa, ou calamidade, as pessoas ficam perturbadas por algum tempo. Não é possível avaliar sua posição, não alcançam todas as circunstâncias, tampouco se organizam para o futuro. É necessário

ficar um pouco distante do regozijo ou da tristeza, para estabelecer um plano de ação. Isso foi justamente o que aconteceu com os apóstolos durante o tempo do derramamento do Espírito Santo, até à eleição dos sete diáconos.

Estamos tão acostumados a pensar nos apóstolos como homens inspirados, que nos esquecemos de que a inspiração não muda as condições naturais do indivíduo. Os próprios apóstolos ficaram, até certo ponto, perturbados com os extraordinários eventos que presenciaram. Eles buscavam e recebiam a orientação do Espírito Santo, mas não fizeram planos para formar um esquema de doutrinas, de ensinamentos e de organização.

Mas Deus tem o Seu plano. O Senhor ressurreto falou-lhes sobre o estabelecimento do Seu reino. Todavia, eles, sujeitos às mesmas paixões e enfermidades que nós, não podiam conscienciosamente compreender o alcance da doutrina e do estabelecimento do cristianismo. Os primeiros dias foram marcados pelo que podemos chamar caos divino, a partir do qual a Igreja se fortaleceria sob a direção do Espírito.

O relato histórico dos cinco primeiros capítulos de Atos é deveras impressionante. Os últimos anos da vida de Pilatos, governador da Judéia, foram cheios de atos tirânicos e absurdos. O supremo conselho dos judeus fez tentativas para reprimir os apóstolos, sendo, na última, dissuadidos do plano sanguinário por intervenção de Gamaliel. Após isso, permitiram que os apóstolos continuassem o seu curso sem nenhuma hostilidade.

Complexidade no ministério

Já o capítulo seis do livro de Atos nos

oferece um vislumbre da vida íntima da Igreja primitiva: "Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração..." (6:1). Há aqui uma lição para a Igreja, expressa de maneira clara. O aumento de membros nem sempre significa aumento de felicidade, regozijo, devoção, aumento da verdadeira vida espiritual. Com o crescimento vêm também as dificuldades, crises, murmurações, o descontentamento. Deus, em Sua sabedoria, envia as duas coisas: o crescimento, que trouxe alegria à Igreja apostólica, e as dificuldades, para conservar humilde o Seu povo. Enquanto o homem viver no mundo, sua alegria será sempre misturada com tristeza.

À medida que a Igreja crescia, e o coração dos apóstolos se enchia de regozijo, levantava-se a murmuração entre os judeus helenistas e os judeus de Jerusalém.

Ao contemplarmos os fatos à distância, no espaço e no tempo, pensamos numa Igreja apostólica sem problemas, unida, cheia de fé e amor. Mas o relato de Lucas evidencia que, logo no início, os primeiros cristãos também tiveram de enfrentar lutas internas. Provas de ordem externa são benéficas à Igreja, ajudam a mantê-la unida, fervorosa, operosa e triunfante. Todavia, as provas internas são desmoralizantes e destrutivas da presença de Deus na alma humana.

"Houve murmuração..." Aqueles conversos viram o poder dos milagres, presenciaram o dom de línguas, mas se entregaram a murmurações. Os costumes mudaram, o homem continua o mesmo. A Igreja, atualmente, não difere da apostólica. Pode-se fazer tudo o que é certo, mas haverá sempre os que estão prontos a se queixar e condenar. Os apóstolos

não escaparam à acusação de favoritismo e ao criticismo, enquanto procuravam fazer o melhor.

Isso nos leva à conclusão de que mesmo a Igreja primitiva não era uma comunidade ideal, mas uma sociedade cheia de sentimentos, fraquezas e descontentamento humanos, tão à semelhança da situação existente hoje.

Qual a base da murmuração? Tratava-se de uma murmuração dos "helenistas contra os judeus". Os hebreus eram os judeus nativos da Palestina que falavam principalmente o aramaico. Que tinham vivido no mundo mediterrâneo, fora da Palestina, falavam o grego, e às vezes não conheciam o aramaico. Eram chamados de helenistas. Muitos desses judeus da Diáspora voltaram a morar em Jerusalém, e alguns deles se converteram e se uniram à Igreja.

Surgiu então uma discórdia entre os cristãos que falavam o grego (helenistas) e os que falavam o aramaico (hebreus), porque aparentemente havia favoritismo em relação a estes últimos, na distribuição do alimento às viúvas. Porém, atrás disso, estavam envolvidos os costumes, as questões raciais, sociais e, principalmente, lingüísticas.

Sempre houve dissensão entre judeus e samaritanos, apesar de ambos cultuarem o mesmo Deus e reverenciarem a mesma revelação. Semelhantemente, os judeus natos viviam em constantes discórdias com os gentios, embora adorassem no mesmo templo e pertencessem à mesma nação. Os judeus palestinos eram considerados puritanos, conservadores, e escarneciam dos judeus da dispersão. Desprezavam principalmente os de Alexandria, por haverem difundido o judaísmo entre os povos, adotando sua língua e seus costumes. Nos escritos talmúdicos, encontramos: "Maldito aquele que ensina o grego a seu filho".

Em Jerusalém, havia cerca de 500 sinagogas divididas proporcionalmente entre hebreus e helenistas. Com a evangelização dos apóstolos, vieram para a Igreja de Cristo, que nessa época era chamada de "o Caminho" (Atos 9:2; 19:23; 24:14), judeus-judeus e judeus-gregos. Esses conversos trouxeram seus costumes, idiomas, ciúmes e velhas oposições. Atos dos Apóstolos é uma espécie de espelho da história da Igreja, mostrando as diferenças entre judeus e latinos, católicos e protestantes, brancos

e pretos. E o escândalo continua até hoje, em Jerusalém, entre israelitas e maometanos, israelitas e palestinos.

Os cuidados

Os apóstolos precisavam estabelecer um princípio para chegar a uma solução racional e razoável. Então, concluíram que, na Igreja, há diversidade de funções e de trabalho: há o ministério da palavra e aqueles que servem às mesas. Uma classe não deveria absorver todas as funções, porque, se assim o fizesse, a mais alta função, a oração e o ministério da Palavra, ficaria inevitavelmente prejudicada. Muitos cismas teriam sido evitados na história da Igreja, se os leigos sempre tivessem a oportunidade de fazer alguma coisa por seu Mestre.

O ministério da Palavra tem sido injuriado pelo acúmulo de todo tipo de trabalho. Há muitos ministros que estão servindo às mesas, ao passo que negligenciam sua alta função. Os membros das igrejas estão se queixando da pobreza das mensagens a que são obrigados a ouvir, porque seus pastores estão servindo às mesas, em trabalhos puramente seculares. Durante a maior parte do seu tempo, eles se mostram hesitantes entre as muitas coisas que precisam fazer. Necessitam vencer suas próprias frustrações relacionadas com as incessantes pressões do trabalho, e, ao mesmo tempo, com a satisfação que devem dar aos superiores e com a assistência aos membros, à sua família e a si mesmos.

A primeira tentação que sobrevém ao jovem pastor é a de ficar afobado, procurando ao mesmo tempo agradar a todos, sem jamais conseguir efetuar realmente tudo o que pretende fazer. Ele é tentado a sacrificar as horas de estudo, de meditação e oração, tornando-se fraco no ministério da Palavra.

Os ministros são profetas do Senhor, os atalaias nos muros de Sião. À grande obra a eles confiada, de explanar a vontade do Senhor, traduzir as idéias da Bíblia para a linguagem da vida moderna, aplicar os princípios divinos da doutrina e disciplina bíblica às exigências da nossa civilização complexa, precisam dedicar tempo. Tempo para ler, meditar, estudar, pensar como encontrar os princípios eternos do Sagrado Livro e aplicá-los aos ouvintes famintos da verdade.

Os apóstolos enfrentaram a crise estabelecendo uma lei para o verdadeiro

desenvolvimento de uma sociedade divina. Determinaram a criação de uma nova organização para atender às novas necessidades da igreja. Convocaram o povo para que os ajudasse a resolver os problemas. Fizeram o mais eficiente plano para eliminar as dificuldades levantadas, conclamando a comunidade para participar na solução.

A Igreja, desde o seu estabelecimento, claramente demonstrou que o seu governo não deve ser um despotismo clerical absoluto, mas um sistema onde o clero e o povo, juntos, em conselho, resolvem os seus problemas. Os apóstolos colocaram o princípio dos direitos mútuos entre os ministros e os membros da Igreja.

Estabeleceram os princípios práticos da organização. Sabiam o que era certo fazer, mas não impuseram sua vontade, com o mero exercício de sua autoridade. Aconselharam-se com o povo, e como resultado, resolveram com rapidez as dificuldades levantadas e as que se levantariam em decorrência.

Se seguissemos sempre esse exemplo, resolveríamos muitos problemas mais facilmente. Embora o ser humano tenha naturalmente o costume de resistir a qualquer lei que lhe seja imposta, de fora, está disposto a acatar e praticar mesmo algo de que não goste, se participa da formulação da lei e se esta lhe apela à razão.

Ações autocráticas da parte do ministro, mesmo nas pequenas coisas, geralmente destroem a unidade e harmonia congregacional. Planta raízes de amargura que arruinam a influência e o êxito ministerial. Um pouco de tato, de sabedoria e condescendência com os sentimentos humanos, geralmente serve para ganhar uma batalha. O contrário provoca vigorosa resistência.

Finalmente, os apóstolos anunciaram os princípios que guiarão a Igreja na seleção dos seus oficiais, especialmente quando tivessem de lidar com assuntos temporais da comunidade.

A solução

"Escolhei dentre vós sete homens de boa reputação..." foi a saída encontrada. Já foram feitas muitas tentativas para explicar a razão de o número ter sido fixado em sete. Alguns pensam ser um número sagrado, símbolo de perfeição; ou ainda, que existiam sete mil conversos em Jerusalém. Talvez, a razão principal seja que esse número é conveniente-

mente prático. Em caso de diferença de opinião, a maioria pode ser assegurada, evitando a formação de blocos.

Os sete diáconos escolhidos deveriam ser pessoas de "boa reputação". Porque iriam assumir funções públicas, estariam sujeitos a comoções e murmurações. Por isso deveriam ter a confiança de todos. Mas, acima de tudo, deveriam também ser "homens cheios do Espírito e sabedoria". Piedade não era qualificação suficiente; deveriam ser sábios, prudentes, ter bom discernimento. Deveriam ser homens dirigidos por princípios religiosos, guiados por verdades bíblicas, movidos pelo amor divino e sustentados pelo Espírito, cuja graça e bênçãos são indispensáveis a todos os que exercem responsabilidade na Igreja.

É dito que "o parecer agradou a toda a comunidade". Aparentemente, todos tinham oportunidade de se expressar. O processo de seleção daqueles sete homens surpreende pela inexistência de política, fato para o qual precisamos estar atentos hoje. Não é atitude espiritual alguém desejar dominar ou controlar uma situação. E entre os apóstolos, esse comportamento não foi observado. "Escolhei dentre vós", disseram eles. Alguém até poderia ter sugerido: "Vamos colocar três palestinos e três helenistas e, então, deixaremos que esses nomeiem o sétimo." Mas não foi assim. Quando a proposição foi colocada diante da Igreja, os membros reunidos escolheram os sete. Todos os escolhidos eram judeus-helenistas, porque todos os nomes mencionados no relato são de origem grega: Estêvão, Felipe, Prócoro, Nicánor, Timon, Pármenas e Nicolau. Este último nem sequer era judeu, mas um gentio que havia sido um prosélito do judaísmo e se convertera ao cristianismo. Ao invés de uma comissão mista, eles formaram uma comissão composta inteiramente de pessoas do mesmo grupo dos que fizeram as queixas. E eles atuaram bem.

Os ministros não deveriam colocar sobre seus ombros todos os reclamos sociais da Igreja, tornando-se, assim, heróis ou mártires. Nos dias apóstolicos, o trabalho do pastor no Oriente era relativamente simples. Ele alimentava, guiava e protegia o rebanho. Isso deve ser feito ainda hoje. Alimentar com a "pregação da Palavra", guiar através de aconselhamento, e proteger defendendo a verdadeira fé.

Todavia, o tempo e as modificações organizacionais da Igreja têm intensifica-

do e complicado grandemente os deveres do pastor moderno. Como administrador, espera-se que o pastor saiba como supervisionar os negócios e finanças da Igreja. Deve ser um especialista na arte de levantar fundos. Ele não somente deve saber onde estão os meios, mas a maneira de consegui-los.

Como um organizador, ele deve estar apto a desenvolver e supervisionar a operação dos numerosos departamentos da Igreja. Sendo também um professor, orienta os aspectos educacionais, ensina nas classes bíblicas e de professores. Como sacerdote, administra as ordenanças eclesásticas, faz dedicação de crianças, realiza batismos, aconselha casais, celebra casamentos e leva os mortos da comunidade ao sepulcro. Como pastor, oferece direção espiritual e social na vida

O pastor deveria estabelecer a regra de não falar aos homens antes de falar com Deus.

doméstica de sua congregação. Visita, aconselha, ministra aos doentes, ajuda a resolver problemas. Espera-se que ele tenha respostas para todas as dificuldades.

Se o número de seus paroquianos excede 500, o trabalho já está além de sua capacidade humana. À medida que sua congregação cresce, diminui efetivamente o cuidado pastoral pessoal do rebanho. Mas o pastor também é pregador, ministro da Palavra, e tem a sagrada missão de transmitir a mensagem dos Céus para levar os crentes a uma íntima comunhão com Deus e com os seus semelhantes.

A congregação espera que seu pastor seja um bom pregador, administrador, organizador, amigo e conselheiro. A comunidade espera que ele seja um cidadão exemplar e que contribua para o melhoramento da comunidade. O Campo espera que seja um cumpridor de seus alvos, um ganhador de almas e um financista. Ele mesmo quer ser um ótimo pregador, professor e conselheiro. O seu Senhor espe-

ra que ele alimente e guarde o rebanho, busque o perdido, visite o doente e os órfãos e liberte os prisioneiros do pecado.

Esse homem que se consagra "ao ministério da palavra" precisa ter a fé de Abraão para deixar a sua comunidade, seu Estado e sua família, mudando-se de Associação em Associação. Deve exibir o espírito de sacrifício que caracterizou Isaque, mesmo quando ele é o único "carneiro" amarrado na moita. Deve carregar o jugo graciosamente com a paciência de Jó. Deve presidir as comissões com a sagacidade de Davi e a visão de Daniel. Deve ter a sabedoria de Salomão, para resolver os numerosos problemas da igreja. Necessita do amor e da compreensão de João, para aconselhar o rebanho. Deve pregar como Jeremias. Deve ajuntar e dirigir bem os recursos da igreja, como fizeram os sete diáconos escolhidos. Deve lutar pela "fé que uma vez foi entregue aos santos", como o fez Paulo, ainda que "açoitado quarenta vezes menos uma". Deve atrair conversos, como Pedro e outros apóstolos fizeram durante o Pentecostes.

Se ele sobreviver, terá uma igreja próspera, uma coroa da vida com muitas estrelas. Um lugar com os patriarcas, profetas e apóstolos, no trono de seu Senhor.

Delegar atividades

De que maneira é possível realizar tudo isso? Exatamente como fizeram os doze: delegando responsabilidades, distribuindo deveres. A princípio, isso pode parecer difícil para o jovem ministro, mas ele precisa conduzir os membros ao serviço. Deve ensiná-los a apreciar a obra do Senhor, sentir a satisfação de desempenhar a parte que lhes corresponde e resolver seus próprios problemas. Se os membros da igreja não estiverem ocupados na obra do Senhor, Satanás os conservará ocupados em sua obra. E aí, o pastor não terá tempo nem condições de se concentrar nas funções que devem constituir a sua primeira responsabilidade - a oração e o ministério da Palavra.

Originalmente, a idéia expressa no texto bíblico é a de alguém se entregar continuamente, uma aplicação intensa e perseverante a uma coisa. Significa que os apóstolos se dedicariam inteiramente "à oração e ao ministério da Palavra", de tal forma que nenhum cuidado da vida, e nem mesmo as necessidades temporais próprias e da igreja, poderiam desviar-lhes a atenção.

Não estamos nos referindo aos ministros que fazem os chamados *side lines*. Eles estão totalmente errados. Nossa preocupação é com os pastores que se envolvem com as diversas atividades da igreja, de tal maneira que empobrecem o ministério da Palavra. Seus sermões são recapitulações surradas de recortes de jornais, listas frias de estatísticas, artigos lidos em alguma revista religiosa, ou citações de Ellen White.

Nossas congregações não necessitam de muitas dissertações sobre problemas sociais, ou ensaios relativos à situação religiosa do mundo. Não estão interessadas nas declarações de eruditos, homens de reputação e fama. Tampouco na situação política do mundo, quer tenhamos profundo conhecimento dela ou não. Nossos irmãos e as pessoas que não pertencem à Igreja desejam saber o que Deus pensa. Desejam que se lhes diga, de forma enfática, o que Deus diz em Sua Palavra. Não há satisfação em nenhuma outra coisa fora disso.

O Dr. Ralph Sockman, pastor metodista da Igreja de Cristo, em Nova Iorque, declara: "a função docente do ministro deve ser compreendida e reafirmada, se queremos dissipar a ignorância crassa de nosso tempo. Estes esforços significam que usaremos mais a nossa Bíblia. Parece que muitos jovens temem empregar a Bíblia no púlpito. Precisa-se de reavivamento na pregação, que exponha a Palavra..." (*Best Sermons*, págs. 14 e 15).

A mera teoria é somente o esqueleto da verdade profética e nunca atrairá às fontes de água viva as almas sedentas pela verdade. O pregador que alimenta sua mente e seu coração com a mensagem da Bíblia, nunca precisa preocupar-se com o que deverá pregar.

Distribuindo responsabilidades, terá tempo e condições para desenvolver continuamente sua capacidade intelectual. Nunca afrouxar os esforços. O espírito culto é a medida do homem. O título ou diploma têm pouca significação, a menos que a mente progrida de forma contínua. Como diz Ellen White, "vossa educação deve continuar através da vida inteira; deveis aprender todos os dias, e pôr em prática os conhecimentos adquiridos". (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 499). Há uma afirmação do bom senso, que também é uma assertiva da ciência física: "Do nada pode sair nada."

Evidentemente, o que nada leu, nada estudou, o que jamais aplicou a inteligên-

cia para aprender, o que passou a vida inteira a cantar como a cigarra, na hora de dar uma mensagem, murmura banalidades e desculpas. Fala muito e diz pouco. Cheio de palavras, mas vazio de pensamentos, de poder. Eloqüente, mas não persuasivo. Argumenta mas não convence. Faz demonstração de força, mas os homens não se abalam. Ensina mas não cativa. Prega bastante, mas produz pouco. Os homens vêm e vão, talvez interessados ou divertidos, mas não se dobram em penitente rendição aos pés do Senhor.

O ministro de Deus precisa, zelosa e sistematicamente, arranjar tempo para os seus estudos, para a leitura devocional da Palavra de Deus e para a oração. Em meio às cargas e sobrecargas das tarefas e responsabilidades urgentes do seu ministério, o pastor precisa resguardar as suas horas tranqüilas e reclusas, não permitindo nenhuma interferência ou intrusão, para se consagrar "à oração e ao ministério da Palavra".

Recebendo para dar

Somos tentados a estar sempre correndo, e a medir nossa produtividade por nossa pressa, numa incessante dispersão de energia, em assombrosa multiplicidade de interesses, que não deixam margem de tempo nem forças para uma comunhão com Deus. Mas não poderemos, jamais, fazer algo bem feito, se não nos consagrarmos à oração. Comunhão espiritual negligenciada é sinônimo de futilidade no percurso inteiro do ministério.

Um pastor, passando em revista seus vários anos de trabalho, confessou humildemente: "Nunca deixei de estudar; nunca deixei de visitar; nunca deixei de escrever e meditar. Mas falhei na oração. Às vezes, porque não queria, outras vezes porque não ousava; e ainda outras vezes porque tinha algo mais que fazer. É uma coisa magnífica encontrar um ministro que ora."

É desnecessário nos referirmos ao exemplo de Jesus. Basta lembrarmos de que, no amontoado de atividades, Paulo não deixava de orar. "Orando dia e noite, com máximo empenho", diz ele, sobre si mesmo, aos cristãos tessalonicenses (I Tess. 3:10). Por isso, podia recomendar: "Orai sem cessar." (II Tess. 5:17).

Sim, é magnífico encontrar ministros consagrados à oração. Ministros cujas almas são elevadas e refinadas por horas de sublime comunhão, encaram tudo "de cima" e não "de baixo". O problema

de muitos pastores é justamente este: aproximam-se de sua obrigação partindo de níveis inferiores, de ângulos vulgares, com pontos de vista comuns. É desse modo que vão para os seus púlpitos. E, por isso, falam aquilo que os ouvintes não estão interessados em ouvir, deixando suas ovelhas na aridez do deserto, ou nas nesgas de terra onde a forragem é escassa e insatisfatória; em vez de levá-las para os "pastos verdejantes" e "às águas tranqüilas" da Palavra de Deus.

Os apóstolos se dedicaram intensamente à oração como preparo para a pregação pública. O ministério da oração e da pregação são duas almas gêmeas que nunca devem se separar. Não podem se divorciar sem prejuízos sérios.

O ministro, pela graça de Deus e o poder do Espírito Santo, deveria estabelecer a regra de não falar aos homens antes de falar com Deus. Não fazer coisa alguma com suas mãos antes de se colocar de joelhos; não ler cartas, jornais, revistas ou livros seculares, antes de ler alguma porção das Escrituras. A tarefa de pregar tem início durante a comunhão do pregador com o seu Deus. E o público precisa sentir no sermão, a presença do "caçador celeste" a sulcar a alma nas suas veredas mais ocultas, perseguindo-a no ministério da salvação, para arrastá-la da morte para a vida, da vida para a vida mais abundante, "de graça em graça", "de força em força", e "de glória em glória".

Um pastor que se consagra "à oração e ao ministério da Palavra" não ocupa o púlpito para deleitar a imaginação. Nem mesmo para informar a mente, alvoroçar as emoções ou influenciar o juízo. Seu objetivo único é mover a vontade, removê-la para outro rumo, apertar-lhe o passo e fazê-la exultar nos "caminhos dos mandamentos de Deus". Esse pregador ocupa o púlpito para sintonizar a vontade dos homens com a de Deus. Para ele, o púlpito deixa de ser uma "panela de cinzas"; e o sermão, como disse Ruskin, passa a ser "trinta minutos capazes de ressuscitar mortos".

De todas as carreiras, certamente a mais privilegiada é a de um ministro da palavra. Ele percorre as estradas da vida levando consigo tudo o que é preciso aos peregrinos desfalecidos, feridos e quebrantados, inteiramente confiante em Deus. É uma santa vocação. Uma obra difícil. Mas servimos a um Salvador poderoso. E "a alegria do Senhor é a nossa força". □

Milagre evangelístico em Aracaju

JOSÉ MOURA

Pastor da igreja central de Aracaju, SE, na Missão Sergipe-Alagoas



A retirada do povo de Israel do Egito foi realizada mediante grandes sinais e maravilhas operadas por Deus; um fato singular, jamais visto em qualquer outro tempo. Deus invadiu a História, colocando Sua mão poderosa em favor de Seu povo sofrido, libertando-o "com braço forte e mão estendida".

Aquele ato divino deveria ser suficiente para suscitar inabalável fé entre um povo que dizia acreditar no seu Deus e estar disposto a fazer a Sua vontade, chegando a afirmar: "Tudo o que o Senhor falou, faremos" (Êxo. 19:8). O pró-

prio Senhor Jesus Cristo consentiu em caminhar com eles: "O Senhor ia adiante deles, durante o dia numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho, durante a noite numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite." (Êxo. 13:21).

Jesus poderia caminhar *com* eles, mas não poderia caminhar *por* eles. E, à medida que Israel tomava o caminho no deserto, desafiadores problemas foram aparecendo, testando a paciência e a capacidade de Moisés, seu libertador e líder, cujo trabalho se tornara pesado e cansativo. Certo dia, assentou-se "para julgar o povo; e o povo estava em pé diante de Moisés desde a manhã até ao pôr-do-sol." (Êxo. 18:13).

Foi então que Jetro, seu sogro, chegou ao arraial israelita, e a ocupação de Moisés chamou-lhe a atenção. Durante o dia, ele estivera atendendo ao povo; ao entardecer, sentado diante de sua tenda, exausto, desejava apenas descansar e se refazer do penoso dia. E Jetro aproveitou a oportunidade para aconselhá-lo: "Que é isto que fazes ao povo? Por que te assentas só, e todo o povo está em pé diante de ti, desde a manhã até ao pôr-do-sol?" (v. 14). Diante da resposta de Moisés – "É porque o povo vem a mim para consultar a Deus" –, Jetro não perdeu tempo:

"Não é bom o que fazes. Sem dúvida desfalecerás, assim tu, como este povo que está contigo: pois isto é pesado demais para ti; tu só não o podes fazer." (vs. 17 e 18). Disse-lhe ainda que deve-

ria procurar "dentre o povo homens capazes, tementes a Deus", e colocá-los sobre o povo "por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinqüenta, e chefes de dez, para que julgem este povo em todo tempo". (vs. 21 e 22). Problemas graves seriam levados a Moisés. Coisas pequenas eles mesmos resolveriam. "Se isto fizeres", concluiu Jetro, "e assim Deus to mandar, poderás então suportar; e assim também todo este povo tornará em paz ao seu lugar." (v. 23). Moisés atendeu o conselho do sogro.

Em poucas palavras, o plano de Jetro era que Moisés deveria dividir o povo em grupos numéricos progressivos; escolher líderes que o representassem perante o povo; delegar-lhes tarefas; realizar apenas aquilo que os líderes não pudessem fazer. Como resultado, Moisés ficaria mais aliviado para os seus deveres prioritários como representar os interesses do povo diante de Deus; ensinar-lhe os estatutos e as leis; e mostrar-lhe o caminho em que deveria andar. E o povo ficaria em paz.

Na Igreja primitiva

Plano semelhante foi colocado em prática por Jesus Cristo. Quando veio ao mundo, ungido pelo Espírito Santo, não Lhe ocorreu idéia melhor do que a de iniciar a Sua Igreja através de um pequeno grupo de 12 pessoas. Aliás, Jesus foi apenas coerente. O que ensinou a Moisés, através de Jetro, também praticou.

"Todo o ministério de Jesus centralizou-se em treinar este pequeno grupo de homens. E quando chegara o momento do Salvador voltar para o Céu, os discípulos demonstraram já compreender o velho plano para a nova igreja.

"Ao tempo designado, cerca de 500 crentes estavam reunidos em pequenos grupos na encosta da montanha, ansiosos por saber tudo quanto fosse possível... Os discípulos passavam de grupo em grupo, dizendo tudo quanto haviam visto e ouvido do Salvador... De súbito achou-Se Jesus no meio deles." (*O Desejado de Todas as Nações*, págs. 818 e 819).

A Igreja cristã primitiva nasceu e se desenvolveu através de pequenos grupos. A antiga estratégia dera resultado, e a Igreja crescia e se multiplicava não somente em número, mas também em qualidade, sendo "um o coração e a alma dos que criam" (Atos 4:32). E perseveravam "unâ-

O plano dos pequenos grupos é divino. Foi utilizado por Moisés, Cristo, Paulo e os pioneiros adventistas.

nimes... partindo o pão de casa em casa" (Atos 2:46); a exemplo do que ocorria na casa de Áquila e Priscila (I Cor. 16:19), na casa de Ninfa (Col. 4:15), na casa de Filemon (Fil. 1:2) e em várias outras. E o que é mais importante, "nenhum necessitado havia entre eles" (Atos 4:34).

O apóstolo Paulo foi um praticante e grande incentivador do trabalho em pequenos grupos. "Não raro, em seu ministério, reunia-se ele com pequenos grupos de homens e mulheres que amavam a Jesus..." (*Serviço Cristão*, pág. 71). Seguindo esse modelo de trabalho, ele transformou a Igreja primitiva numa grande constelação de pequenas igrejas que se reuniam na casa dos irmãos.

O movimento adventista

A Igreja Adventista do Sétimo Dia também se desenvolveu através de grupos pequenos. Os lares dos pioneiros eram, geralmente, os lugares onde os irmãos se reuniam, e foram, durante muito tempo, o centro de suas atividades religiosas. Assim, Deus demonstrava claramente que não mudara de idéia em relação ao Seu programa original de desenvolvimento para Sua Igreja.

Ellen White, em sua função de sustentar e consolidar as verdades bíblicas estabelecidas, confirma os pequenos grupos como o programa de Deus para todos os tempos: "A formação de grupos pequenos como base do esforço cristão foi-me mostrada por Um que não pode errar. Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar." (*Serviço Cristão*, pág. 72).

Quanto mais o tempo passa, mais a igreja cresce, aumentando o número de membros carentes de informação quanto à sua função e missão. Muito mais agora, quando a complexidade da vida mo-

derna exigiu grandes congregações, muitos membros se sentem isolados e desencorajados para testemunhar. Mas, certamente, reagiriam de forma positiva se participassem de pequenos grupos, conforme a orientação divina.

"Que se reúnam em pequenos grupos... para estudar a Bíblia. Tenham um momento dedicado à oração, para que possam ser fortalecidos, iluminados e santificados pelo Espírito Santo.

"Que cada um conte sua experiência com sinceras palavras. Isso dará mais alento e gozo à alma... Cristo entrará em vossos corações. Este é o único meio pelo qual podeis manter vossa integridade." (*Testimonies*, vol. 7, pág. 195).

Alimento para todos

O relato evangélico do milagre da multiplicação dos pães e peixes, permite deduzir que havia uma multidão de, pelo menos, dez mil pessoas famintas para serem alimentadas, uma vez que cinco mil eram apenas os homens, fora as mulheres e crianças. Jesus ordenou que se assentassem em "grupos", e "todos comeram e se fartaram, e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe". (Mar. 6:42 e 43).

Se seguíssemos, hoje, o método de Cristo, todo o povo seria melhor alimentado. O que vale dizer, melhor assistido, ensinado e treinado. A igreja deixaria de ser um ajuntamento de pessoas quase

desconhecidas, que se encontram incidentalmente uma vez por semana, para se tornar uma comunidade viva, vibrante ativa e feliz. O plano de pequenos grupos é divino e é bom. Serviu para Moisés e sua gigantesca igreja; serviu para Jesus e Seus discípulos; serviu para a Igreja primitiva e para os pioneiros. Também serve para os dias atuais.

Este é o plano que tem mobilizado o distrito da igreja central de Aracaju, SE, nos últimos três anos, e os resultados têm se mostrado verdadeiramente milagrosos. No início do projeto, em 1995, o distrito tinha 75 pequenos grupos. Atualmente existem 120.

Em abril de 1995, o distrito contava aproximadamente 700 membros. Em dois anos, houve um crescimento aproximado de 125%, sendo que em 1997 esse crescimento atingiu a marca de 50%. A apostasia, que passava de 50% em alguns casos, baixou para cerca de 5%. Mas há outros fatos que merecem destaque: a igreja de Barra dos Coqueiros, por exemplo, em setembro de 97 possuía 92 membros e estava ministrando 101 estudos bíblicos, com a participação de mais de 90% de seus fiéis. Um grupo de apenas 14 pessoas, no início do ano, levou ao batismo, durante 1997, 28 novos conversos, somente através dos pequenos grupos. A igreja de Mosqueiro cresceu 100% no ano passado. Três igrejas, incluindo a central, realizam dois cultos aos sábados, em virtude da superlotação verificada. No caso da central, está sendo iniciada a construção de um novo templo, com 800 lugares. □

A evolução de batismos, de 1990 a 1997 é a seguinte:

Ano	Número de batismos
1990	138
1991	110
1992	181
1993	116
1994	140
1995*	152*
1996	232
1997	501

* Ano da implantação dos pequenos grupos

Observações de um psicólogo

WILLIAM E. RABIOR

*Psicoterapeuta em Saginaw,
Michigan, Estados Unidos*



Um clérigo tem muitas das preocupações de outros clientes que fazem terapia, mas devido ao seu estilo de vida especial, algumas dessas preocupações possuem traços significativamente diferentes. Através dos anos, detectei algumas questões verificadas com maior frequência entre os clérigos

que buscam aconselhamento psicológico. Aqui estão as dez mais comuns:

Necessidade de um ouvinte

Talvez a maior necessidade de um clérigo é poder falar com alguém em quem ele possa confiar, que seja capaz, e que esteja disposto para ouvi-lo. Embora um pastor possa e deva procurar colegas de ministério para conversar, existem os que necessitam especialmente falar com um psicoterapeuta. Pelo menos por duas razões: primeira, ter alguém fora de sua profissão que ouça objetivamente e produza retorno e, segunda razão, que isso seja feito confidencialmente. Algumas vezes, um ministro se sente mais seguro em revelar seus mais profundos sentimentos e assuntos pessoais a um psicoterapeuta.

Estresse

Muitos pastores se sentem oprimidos pelo estresse – o estresse ministerial combinado com o estresse causado pelas inquietações pessoais e problemas de relacionamentos com a esposa, filhos, e outras pessoas. Durante a terapia, eles freqüentemente falam a respeito de suas frustrações diante do muito que têm a fazer e do pouco tempo disponível para cumprir suas tarefas. Há os que tentam ser tudo para todas as pessoas, e esse esforço resulta em exaustão e debilidade.

Alguns são simplesmente sobrecarregados. As demandas feitas sobre seu tempo e energia exacerbam o estresse que eles já

sentem. E sofrem depressão. Muitos tendem a sentir-se inadequados e são convencidos de que não estão fazendo o bastante. Tipicamente, os pastores têm dificuldade em delegar responsabilidades e acabam exaurindo as próprias forças físicas e mentais.

Autoridade

Freqüentemente, ocorre de os pastores entrarem em choque com seus líderes – presidentes de Campo, departamentais, oficiais locais. Muitos sentem que vez ou outra eles são tratados injustamente pelas autoridades eclesiais, o que pode gerar sentimentos de ira e ressentimento.

A ira ministerial não raro se manifesta pelo modo passivo-agressivo: evitando ir às reuniões onde a autoridade envolvida esteja presente; não dando retorno a alguma comunicação telefônica; ignorando correspondências oficiais, e, em geral, mantendo um contato mínimo com as pessoas que trabalham nos escritórios da igreja.

Os pastores que assumem tal comportamento isolacionista também se tornam mais distantes de outros colegas de ministério. É aí que eles procuram um terapeuta para resolver a paradoxal tensão entre não desejarem ser incomodados pelas autoridades denominacionais e, ao mesmo tempo, o sentimento de frustração por serem ignorados, marginalizados, ou terem pouca ou nenhuma influência nas decisões da Igreja por causa da sua própria falta de integração.

Finanças

Dinheiro é um assunto tratado repetidamente pelos pastores, tanto durante uma terapia, como fora dela. Eles sentem que seu salário é inadequado e estão preocupados com a aposentadoria. Muitas vezes, suas preocupações financeiras os impelem, ou as esposas, para atividades remuneradas paralelas. Isso somente produz mais fadiga, adicional estresse familiar, e, geralmente, intensifica a frustração.

Mesmo que o salário seja considerado suficiente, alguns pastores, à semelhança de muitas outras pessoas, demonstram não ter controle para gerenciá-lo. Nesse caso, é necessário que aprendam, com a ajuda de um contador, por exemplo, a fazer um orçamento que ponha ordem em sua caótica situação financeira.

Sexualidade

Como qualquer outro ser humano, o pastor luta com problemas relacionados com a sexualidade. Alguns estão lutando com a confusão a respeito da orientação sexual que receberam, com a culpa relacionada com sua experiência sexual no passado, com tentações sexuais atuais, e, até mesmo com disfunções sexuais com suas respectivas esposas. Outros sofreram abuso sexual na infância ou adolescência. E ainda outros foram disciplinados pela igreja e, talvez, por autoridades civis, em virtude de problemas sexuais.

À semelhança de muitos profissionais hoje, os pastores estão se tornando mais sensíveis aos seus limites e necessitam exercer bom julgamento e autocontrole quando a questão da sexualidade aflora dentro de si. Muitos confundem expressão sexual com o desejo sexual e têm pago um preço muito alto por esse erro.

Os pastores ensinam que a sexualidade humana é um maravilhoso dom de Deus, que deve ser usado amorosa, responsável e moralmente. Mas ao mesmo tempo em que acreditam nesse ensino, alguns acabam surpreendendo-se fazendo justamente o oposto do que sabem ser correto e verdadeiro. Essa contradição suscita traumas morais e psicológicos.

Ira

Não raro o pastor perde a necessária habilidade para enfrentar a ira e desvencilhar-se dela com sucesso. Alguns chegam a crer que a ira sempre é um pecado mortal que deve ser confessado, ou reprimido. Nesse caso, falham em compreender que tal sen-

timento pode ser um instrumento valioso para produzir mudanças tanto em seu ministério como na vida pessoal, ou um meio de autoproteção e autopreservação.

O clérigo geralmente encontra dificuldade para expressar sua ira dentro de uma moldura saudável e até positiva. Em virtude de que os pastores são vistos como pacificadores e ministros de reconciliação, para eles, extravasar ira pode ser não apenas difícil, mas também pode ser um gesto produtor de culpa, mesmo quando ela está relacionada com algo justo e correto.

Relacionamento

Quando um pastor traz a questão do relacionamento para a terapia, ele deseja que lhe sejam mostrados caminhos pelos quais pode se relacionar melhor, de um modo mais saudável e positivo, com todas as pessoas. Há o desejo de focalizar sobre relacionamentos que são dependentes, imaturos, ou mesmo danosos – algumas vezes com o propósito de cortar suas perdas e abandoná-los de uma vez por todas.

Caso o pastor seja casado, como acontece na maioria das vezes, isso normalmente inclui a questão do divórcio. O prospecto do divórcio, para muitos pastores, é análogo à travessia de um campo minado, profissional, espiritual e emocionalmente falando, dotado de grande poder destrutivo. Durante a terapia, temos procurado ter acesso à viabilidade do casamento e tentar assistir ao casal, no sentido de curar seu avariado relacionamento marital.

Desordens emocionais

Os pastores não são imunes à doenças mentais, alcoolismo e outros distúrbios. Nem mesmo estão livres de pensamentos e tentativas de suicídio.

Uma fé religiosa madura e fortalecida é sempre um valoroso aliado quando os problemas aparecem, mas algumas vezes mesmo esse tipo de fé pode necessitar de um auxílio. E isso acaba incluindo não apenas psicoterapia, mas também medicação especial e internação.

Quanto maior for a compreensão demonstrada pela Igreja para com seus pastores envolvidos com problemas, melhor será o prognóstico de uma restauração completa e ressurreição de um ministério ativo.

Falta de capacitação

Um dos principais propósitos da terapia é ajudar os clientes a descobrirem ou

redescobrirem senso de poder pessoal, de modo que eles possam começar a mudar a própria vida, direcionando assuntos críticos, e, se necessário, fazer algo no sentido de experimentar maior integração e integridade.

Nosso trabalho com pastores tem esse direcionamento. Muitas vezes, eles chegam com um sentimento de inutilidade. Convencidos de que nada do que fazem significa alguma diferença na vida pessoal ou no ministério, e de que não têm poder.

Parte da terapia, então, consiste em ajudá-los a desaprender tal senso de inutilidade, mostrando-lhes caminhos através dos quais alguma diferença pode ser feita em sua vida. Para alguns, isso significa uma transferência de distrito ou de atividade. Para outros, o restabelecimento da autoridade ministerial e liderança, onde a consciência de poder foi perdida.

Algumas vezes, os pastores se sentem usados e abusados por seus líderes ou por aqueles aos quais servem. A terapia de capacitação os ajuda a compreender que eles têm direitos, como qualquer outra pessoa, e podem defender sua identidade e senso de dignidade pessoal, nos limites da ética pastoral e evangélica.

Pastor de si mesmo

Como um grupo, os clérigos são muito generosos. Eles dão livremente de seu tempo, recursos, e, acima de tudo, dão-se a si mesmos. São excepcionalmente hábeis para cuidar de outros, mas não deles mesmos. Necessitam, portanto, lembrar de cuidar de si, ao mesmo tempo em que cuidam dos outros.

Em termos práticos, diríamos que eles devem tomar um dia semanal de descanso, férias anuais, dedicar tempo para a família e os amigos, exercitar-se e relaxar, alimentar-se bem; enfim, adotar um estilo de vida equilibrado.

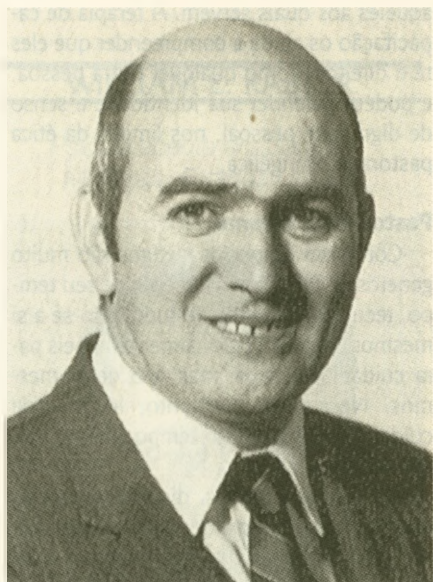
Ser pastor de si mesmo inclui também cuidar de suas necessidades espirituais e emocionais, tomando tempo diário para orar, ler as Escrituras e outro material espiritual. Requer a disposição de colocar seu ministério nas mãos de Deus, a fim de vencer a preocupação obsessiva, e receber habilidade para administrar suas falhas e seu sucesso.

Muitos clérigos fazem terapia porque querem tornar-se mais saudáveis e estar bem consigo mesmos. Afinal boa terapia não é totalmente incompatível com boa espiritualidade. □

O sábado nos evangelhos

SAMUEL BACCHIOCCHI

Ph.D., professor de Teologia e História da Igreja, na Universidade Andrews, EUA



No artigo anterior, verificamos como o sábado serviu, nos tempos do Antigo Testamento, para tipificar a redenção messiânica futura. A existência de uma tipologia redentiva no sábado tem levado muitos cristãos a concluir que não mais temos de observá-lo, pelo fato de Cristo ter cumprido tudo isso.

Este artigo examina brevemente algumas passagens sobre o sábado em Lucas, Mateus e Marcos, para descobrir se o ministério redentivo de Cristo é encarado no Novo Testamento como uma terminação ou atualização do sábado do Antigo Testamento.

Lucas apresenta Cristo como um habitual guardador do sábado ("segundo o Seu costume" – Luc. 4:16) que pregou Seu primeiro sermão na sinagoga de Nazaré num dia de sábado. Nessa ocasião, Jesus leu e comentou uma passagem que se baseia principalmente em Isaías 61:1-3 (também 58:6): "O Espírito do Senhor está sobre Mim, pelo que Me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-Me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor." (Luc. 4:18 e 19).

Nessa passagem Isaías utiliza a imagem do sábado para descrever a libertação que o Messias traria a Seu povo. E Cristo utilizou a mesma passagem para Se apresentar ao povo como a concretização de suas expectativas messiânicas. Isso fica claro na breve explicação que Ele deu a seguir: "Hoje se cumpriu a escritura que acabais de ouvir". (v. 21). Esse tema da promessa e cumprimento se repete em todos os evangelhos, inclusive em Lucas (Luc. 24:44, 26 e 27). Mas onde entra o sábado nessa questão? Uma olhada nos ensinamentos de Jesus sobre o sábado e em Seu ministério pode ajudar a responder essa pergunta.

As Primeiras Curas no Sábado

O anúncio de Cristo como o Messias em Nazaré tem como seqüência, no evangelho de Lucas, dois episódios de cura no sábado. O primeiro ocorreu na sinagoga de Cafarnaum, durante uma reunião sabática e resultou na cura espiritual de um homem com possessão demoníaca (Luc. 4:31-37; Mar. 1:21-28).

A segunda cura ocorreu imediatamente depois do culto na casa de Simão e re-

sultou na restauração física da sua sogra (Luc. 4:38 e 39; Mar. 1:29-31). Como consequência desse último, houve regozijo por parte de toda a família e adoração: "e logo se levantou, passando a servi-los." (Luc. 4:39).

Assuntos como libertação, regozijo e adoração, que estão presentes de forma embrionária nessas primeiras ações de cura são mais explicitamente relacionados com o significado do sábado no subsequente ministério de Cristo.

A cura da mulher encurvada, relatada somente por Lucas, aclara a relação entre o sábado e o ministério salvador de Cristo. Na breve narrativa (Luc. 13:10-17), o verbo *luein*, geralmente traduzido por "livrar, desatar ou soltar", é usado pelo Senhor três vezes, o que sugere um uso intencional e não acidental do termo.

Na primeira vez, o verbo é usado por Cristo ao dizer: "Mulher, estás livre da tua enfermidade" (v. 12). Duas outras vezes, Cristo usa o verbo para responder à indignação do dirigente da sinagoga: "Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber? Por que motivo não se devia livrar deste cativo, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos?" (vs. 15 e 16).

Através dessa comparação, Cristo mostrou como o sábado estava sendo distorcido. Um boi ou um jumento podia ser legitimamente solto no sábado, para beber água (possivelmente porque se passasse um dia inteiro perderia peso e, conseqüentemente, valor de mercado); mas uma mulher sofredora não podia ser liberta no sábado das algemas de suas enfermidades físicas e espirituais.

Cristo agiu deliberadamente contra os preconceitos com o objetivo de restaurar o dia para propósito ordenado por Deus. Deve-se notar que, tanto nessa como nas demais curas sabáticas, Ele não estava questionando a validade do mandamento do sábado, mas discutindo os seus verdadeiros valores, os quais tinham sido obscurecidos pelo acúmulo de tradições e inúmeras restrições.

Redenção no sábado

A imagem de libertar uma vítima do cativo de Sanatás dentro dos limites do sábado (Luc. 13:13) remete mais uma vez ao anúncio de Cristo quanto a Sua missão de "proclamar libertação aos cativos... pôr em liberdade os oprimidos" (Luc. 4:18). Será que o ato de Jesus de livrar uma filha de Abraão de seus problemas físicos e espirituais no sábado não é um bom exemplo de como a libertação messiânica sabática estava se cumprindo (v. 21)?

A relação entre o sábado e a libertação do pecado é reconhecida, por exemplo, por Paul K. Jewett, que corretamente afirmou: "Nas curas efetuadas por Jesus no sábado, temos não apenas atos de amor, compaixão e misericórdia, mas verdadeiros 'atos sabáticos', atos que demonstram que a redenção messiânica sabática, o cumprimento do repouso sabático do Antigo Testamento, estava sendo introduzido no mundo. Portanto, o sábado, entre todos os dias, é o mais apropriado para a cura."¹

Curar pessoas como a mulher encurvada não é apenas ato de amor e compaixão, mas verdadeiros "atos sabáticos" que revelam como a redenção operada pelo Messias, tipificada e prometida pelo sábado, se cumpriu integralmente através do ministério salvador de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo que Cristo curou corpos e almas no dia de sábado, Ele reinvestiu o dia com o significado de reminiscência do êxodo da alma, saindo das cadeias de Satanás para a liberdade do Salvador.

O sábado e o repouso

Propositadamente, Mateus reúne dois episódios sabáticos (12:1-14) com a grande oferta de repouso que Cristo apresentou em Mat. 11:28-30: "Vinde a Mim, todos os que estais cansados e so-

brecarregados, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave, e o Meu fardo é leve."

Para se compreender a natureza desse repouso oferecido pelo Salvador, é preciso, mais uma vez, recordar que o descanso do sábado, nos tempos do Antigo Testamento, servia para nutrir a esperança da redenção através do Messias. A era messiânica era esperada como "um verdadeiro sábado e repouso para a vida eterna."² À luz dessa compreensão, ao oferecer Seu repouso, Cristo revelou-Se como o Messias que veio trazer a paz e o descanso tipificados pelo sábado.³

A relação entre o repouso oferecido

**O repouso sabático
convida os cristãos
a celebrarem
a redenção, agindo
misericordiosamente
em favor dos
necessitados.**

por Cristo e o sábado é também percebida em Mateus pela colocação dessa passagem (11:28-30) imediatamente antes dos episódios ocorridos no sábado e relatados em Mat. 12:1-14. A oferta de repouso por parte de Jesus e os fatos ocorridos no sábado estão relacionados não apenas estruturalmente, mas também temporalmente através da frase "por aquele tempo" (12:1), o que tem sido notado por certo número de estudiosos.⁴ O tempo mencionado é o sábado no qual Jesus e os discípulos entraram num campo.

A relação teológica entre o repouso oferecido pelo Salvador e o sábado fica mais clara nos dois acontecimentos. O primeiro tem a ver com os discípulos colhendo espigas num sábado (vs. 1-8), e interpreta o repouso oferecido por Jesus

como redenção. Isso fica ainda mais claro pelo apelo de Cristo ao exemplo dos sacerdotes, que trabalhavam intensamente no sábado no templo e "ficavam sem culpa" (v. 5).

Os sacerdotes não se tornavam culpados, mesmo que no sábado oferecessem ainda maior número de sacrifícios e holocaustos (Núm. 28:8 e 9). Eles não se tornavam culpáveis em função da natureza redentiva do serviço que realizavam no sábado. Cristo considera essa obra redentiva, realizada tipologicamente pelos sacerdotes, como base suficiente para justificar Seu ministério no sábado, pelo fato de considerar-Se "maior que o templo" (Mat. 12:6). A redenção oferecida tipologicamente através das cerimônias e sacrifícios do templo,⁵ agora se tornava

realisticamente concreta através da missão salvadora do Filho do homem, o Messias.⁶ Portanto, assim como os sacerdotes não se tornavam culpados por atuar no sábado no templo, o mesmo acontecia com os discípulos de Jesus servindo Àquele que é maior que o templo.⁷

O segundo episódio, a cura do homem com a mão ressequida (vs. 9-14), destaca uma cura messiânica e a restauração tipificada pelo sábado. De acordo com Donald A. Carson, a cura daquele homem "apresenta a Jesus como realizando uma cura messiânica nesse dia. Não é esse um dos principais temas de Mateus? O verdadeiro e real descanso para o

qual o sábado viera sempre apontando, estava agora sendo implantado."⁸

Dessa forma, em Mateus, o repouso sabático do Antigo Testamento é visto como sendo atualizado por Cristo, que oferece a Seus seguidores o repouso messiânico. Os dois acontecimentos mencionados por Mateus qualificam o significado do descanso sabático como redenção e restauração messiânica. Olhados em seu contexto, eles não invalidam o sábado; ao contrário, revitalizam-no e refrigeram-no com o impacto do Messias.

É digno de nota que todos os sete milagres de cura realizados por Cristo no sábado, relatados nos evangelhos, tiveram como alvo pessoas com doenças crônicas. Esses atos intencionais de cura, em favor de pessoas portadoras de



doenças incuráveis, servem para demonstrar como Jesus cumpriu as esperanças messiânicas despertadas pela celebração do sábado.

Como guardar o sábado

O significado redentivo do sábado é refletido na maneira de observá-lo. As diversas passagens relatadas nos evangelhos denotam a existência de certa controvérsia entre as congregações cristãs e as sinagogas judaicas, que, em alguns casos, estavam exatamente em frente, do outro lado da rua.

A controvérsia tinha a ver basicamente com a forma de observar o sábado. Deveria isso ser feito como um "sacrifício", ou seja, como uma demonstração exterior do cumprimento da lei do sábado? Ou deveria o sábado ser observado como "misericórdia", isto é, como uma oportunidade para se demonstrar compaixão e fazer o bem aos necessitados (Mat. 12:7)?

Para defender a nova compreensão cristã da guarda do sábado como um dia para celebrar a redenção messiânica, demonstrando misericórdia e fazendo o bem aos necessitados, os escritores dos evangelhos apelam para o exemplo e ensino de Jesus. Por exemplo, no caso da mulher encurvada, Lucas contrasta duas diferentes maneiras de observância do sábado: a do dirigente da sinagoga em

oposição à de Cristo. Para o líder, o sábado consistia de regras que deviam ser obedecidas e não de pessoas que deviam ser amadas (Luc. 13:14). Para Cristo, o sábado era o dia para levar libertação física e espiritual aos necessitados (vs. 12 e 16).

Essa compreensão humanitária do sábado é expressa também na ocorrência da cura do homem com a mão ressequida, relatada pelos três sinóticos (Mar. 3:1-6; Mat. 12:9-14; Luc. 6:6-11). Nessa instância, Jesus está respondendo a questão proposta por uma representação dos fariseus acerca da legitimidade realizar curas no sábado. Em Sua resposta, Jesus propõe uma questão de princípio: "É lícito no sábado fazer o bem ou o mal? Salvar a vida ou tirá-la?" (Mar. 3:4; Luc. 6:9).

É digno de nota que, tanto em Marcos quanto em Lucas, o verbo curar poderia ter sido usado, em lugar de "fazer o bem" ou "salvar". O motivo por que Jesus evitou esse uso era colocar dentro da intenção da lei do sábado não apenas um tipo, mas todas as espécies de ações de bondade.

A nova compreensão cristã do sábado pode também ser percebida em documento antigo, conhecido como *Epístola a Diogneto* (datada entre 130 e 200 d.C.), na qual os judeus são acusados de

falar falsamente de Deus pelo fato de dizerem que "Ele [Deus] nos proibiu de fazer o que é bom no dia de sábado – como pode ser isso impiedade?"⁹

Conclusão

A positiva compreensão humanitária da observância do sábado está fundamentada no cumprimento, através de Cristo, da sua tipologia redentiva, a qual vimos expressa nos evangelhos de diversas maneiras. Pelo fato de os crentes do Novo Testamento verem o descanso e a redenção tipificados pelo sábado do Antigo Testamento e cumpridos pela missão redentiva de Cristo, podiam considerar esse dia como uma ocasião para celebrar e vivenciar tanto o repouso como a redenção messiânica, pela demonstração de misericórdia e por fazer o bem aos necessitados. Portanto, no contexto atual, os cristãos são convidados pelo descanso sabático a celebrar não somente a Criação, mas também a Redenção agindo misericordiosamente em favor das pessoas em geral. □

Referências

1. Paul K. Jewett, *The Lord's Day: A Theological Guide to the Christian Day of Worship* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Pub. House, 1972), pág. 42
2. *Pirke de Rabbi Eliezer*, trad. Gerald Friedlander (Nova Iorque: B. Bloom, 1971), pág. 141.
3. Uma análise mais completa que fiz do contexto literário e da natureza sabática do repouso de Cristo pode ser vista em: "Matthew 11:28-30: Jesus' Rest and the Sabbath", *Andrews University Seminary Studies* 22 (Autumn, 1984): 289-316.
4. Ver, por exemplo, J. Danielou, *The Bible and the Liturgy* (South Bend: University of Notre Dame Press, 1956), pág. 226; David Hill, *The Gospel of Matthew* (Londres: Oliphants Press, 1972), pág. 209 e 210; D. A. Carson, ed., "Jesus and the Sabbath and the Four Gospels", in: *From Sabbath to Lord's Day: A Biblical, Historical, and Theological Investigation* (Grand Rapids: Zondervan Pub. House, 1982), pág. 66.
5. O livro dos jubileus explica que "queimar incenso e trazer ofertas e sacrifícios diante do Senhor... será praticado nos dias de sábado no santuário do Senhor nosso Deus; que eles possam fazer expiação em favor de Israel com sacrifício." (50:10 e 11).
6. Essa visão é sustentada por vários estudiosos. Gerhard Barth, por exemplo, comenta que, através da frase "aqui está alguém que é maior do que o templo... Jesus está querendo dizer indubitavelmente que por Ele se dá a consumação e o cumprimento messiânico e que Ele, portanto, é superior ao templo" (*Tradition and Interpretation in Matthew* [Philadelphia: Westminster Press, 1963], pág. 82.)
7. Ellen White perceptivelmente nota: "[Os sacerdotes] estavam praticando os ritos que apontavam ao poder redentor de Cristo, e seu trabalho achava-se em harmonia com o designio do sábado. Agora, porém, viera o próprio Cristo. Os discípulos, fazendo a obra de Cristo, estavam empenhados no serviço de Deus, e o que era necessário à realização dessa obra, era direito fazer no dia de sábado." Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 285.
8. Carson, pág. 75.
9. *Epistle to Diognetus* 4, 3, in: *The Ante-Nicene Fathers* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Pub. House, 1973, reprint), vol. 1, pág. 26.

Remédio contra o egoísmo

GILBERTO SILVA

Auditor da Associação Mineira Central da IASD



É surpreendente verificar como o princípio do dízimo é questionado por muitas pessoas, apesar do sólido fundamento bíblico sobre o qual está construído, dos esclarecimentos fornecidos pelos escritos de Ellen White, e de sua antiguidade na Igreja Adventista.

Sentindo a necessidade de enfatizar o assunto é que oferecemos, através deste artigo, uma contribuição aos líderes, oficiais e membros da Igreja, no sentido de intensificar a conscientização acerca de tão importante doutrina, para cuja prática o Senhor Deus prometeu grandes bênçãos espirituais e temporais.

Um estudo acurado sobre a prática de dizimar, nos dias do Velho Testamento, leva-nos à conclusão de que eram três os dízimos estabelecidos por Deus. Isso é confirmado tanto pela Bíblia como pelos escritos de Ellen G. White e pelos escritos judaicos. O Talmude, Flávio Josefo e outros autores sustentam esse ensinamento. O curioso é que, atualmente, as igrejas cristãs dão ênfase a um dízimo, e muitas pessoas acham demais.

Vejamos então o que envolvia cada um dos três dízimos divinamente estabelecidos.

O primeiro dízimo

De acordo com Levítico 27:30 e 32, "todas as dízimas da terra, tanto do grão do campo, como do fruto das árvores, são do Senhor; santas são ao Senhor. No tocante às dízimas do gado e do rebanho, de tudo o que passar debaixo da vara do pastor, o dízimo será santo ao Senhor".

Esse mandamento foi dado por Deus no Monte Sinai (v. 34), apesar de, à semelhança dos princípios expostos nos Dez Mandamentos, existir muito tempo antes:

"Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo; abençoou ele a Abrão, e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus altíssimo; que possui os céus e a terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos. E de tudo lhe deu Abrão o dízimo." (Gên. 14:18-20). "Fez também Jacó um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta jornada que empreendo, e me der pão para comer e roupa que me vista, de maneira que eu volte em paz para a casa de meu pai, então o Senhor será o meu Deus; e a pedra, que erigi por coluna, será a casa de Deus; e de tudo quanto me concederes, certamente eu te darei o dízimo." (Gên. 28:20-22).

Tal como o sábado (Isa. 58:13), o dízimo foi declarado "santo ao Senhor" (Lev. 27:32). Aliás, Ellen White estabelece uma relação entre o caráter santo do dízimo e do sábado. Diz ela: "Deus dá ao homem nove décimos, ao passo que reclama apenas um décimo para fins sagrados, da mesma maneira que deu ao homem seis dias para seu trabalho, e reservou e pôs à parte o sétimo dia para Si. Pois, como o sábado, um décimo da renda é sagrado; Deus o reservou para Si." (*Testemunhos Seletos*, vol 1, pág. 374).

"Deus santificou o sétimo dia. Essa porção específica de tempo, separada pelo próprio Deus para culto religioso, continua hoje tão sagrada como quando pela primeira

vez foi santificada pelo nosso Criador. De igual maneira, o dízimo de nossas rendas 'santo é ao Senhor'. ... Enquanto nós como um povo estamos procurando dar fielmente a Deus o tempo que Ele conservou como Seu, não lhe daremos também nós aquela parte de nossos meios que Ele reclama?" (*Mordomia e Prosperidade*, pág. 66).

Como não poderia deixar de ser, nosso Senhor Jesus Cristo aprovou o sistema do dízimo: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém fazer estas coisas, sem omitir aquelas." (Mat. 23:23; Luc. 11:42).

Aqui, Jesus mostra Sua aprovação ao dízimo. Nem Ele, nem qualquer outro escritor do Novo Testamento diminui, no mínimo que seja, esta obrigação. Cristo deixa claro que não Se opõe ao dízimo, mas ao espírito hipócrita dos escribas e fariseus, cuja religião consistia na observância minuciosa dos aspectos externos da lei.

Sendo "santo ao Senhor", o dízimo foi separado por Deus para uma finalidade sagrada e específica, isto é, o sustento dos levitas e do sacerdócio levítico: "Aos filhos de Levi dei todos os dízimos em Israel por herança, pelo serviço que prestam, serviço da tenda da congregação. Porque os dízimos dos filhos de Israel, que apresentam ao Senhor em oferta, dei-os por herança aos levitas; porquanto eu lhes disse: No meio dos filhos de Israel nenhuma herança terão. Comê-lo-eis em todo lugar, vós e a vossa casa, porque é vossa recompensa pelo vosso serviço na tenda da congregação." (Núm. 18:21, 24 e 31). "As primícias da nossa massa, as nossas ofertas, o fruto de toda árvore, o vinho e o azeite, traríamos aos sacerdotes, às câmaras da casa do nosso Deus; os dízimos da nossa terra aos levitas, pois a eles cumpre receber os dízimos em todas as cidades onde há lavoura." (Nee. 10:31).

A orientação quanto ao emprego do dízimo não foi mudada nos dias do Novo Testamento. Paulo falou disso, garantindo tratar-se de um mandamento do Senhor. Eis suas palavras: "Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados, do próprio templo se alimentam; e quem serve ao altar, do altar tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho." (1 Cor. 9:13 e 14).

Segundo o *Comentário Bíblico Adventis-*

ta, "Deus tem ordenado, em geral, que Seus ministros sejam aliviados da dupla responsabilidade de pregar o evangelho e de ganhar seu sustento material. Jesus enviou Seus discípulos aos povos e às aldeias da Palestina, e lhes disse que não se preocupassem por suas necessidades físicas, porque disso se encarregariam aqueles por quem eles iam trabalhar (Mat. 10:9 e 10; Luc. 10:7).

"Deus informou aos israelitas que uma décima parte de todas as suas posses era de Ele, e que o dever deles era entregar um fiel dízimo aos sacerdotes do templo (Lev. 27:30 e 32; Núm. 18:21; Mal. 3:10 e 11; Heb. 7:5).

"Jesus sancionou esse plano quando esteve na Terra (Mat. 23:23). Assim foi estabelecido claramente o modelo do método divinamente ordenado que deve seguir a Igreja cristã para o sustento material do ministério". (vol. 6, pág. 726).

"Deus não mudou. O dízimo tem de ser ainda empregado para a manutenção do ministério. O dízimo é separado para um uso especial... Deve ser dedicado especialmente ao sustento dos que estão levando a mensagem de Deus ao mundo; e não ser desviado desse propósito." (*Mordomia e Prosperidade*, pág. 103).

Como vemos, o primeiro dízimo não deveria jamais ser usado em benefício de qualquer outra finalidade. As orientações inspiradas são no sentido de que "comete-se grande erro quando se retira o dízimo do fim em que deve ser empregado – o sustento dos ministros". "Não deve ser considerado fundo para os pobres. Não deve ser usado para atender a despesas ocasionais da igreja. Nem para se cuidar da casa de culto."

"Devem-se estabelecer provisões para esses outros ramos da obra. Eles devem ser mantidos, mas não do dízimo." (*Mordomia e Prosperidade*, págs. 102 e 103).

No entanto, o sustento dos levitas e seu sacerdócio, e do ministério da Igreja, não é o único propósito para os quais o Senhor instituiu o dízimo. "o sistema dos dízimos e ofertas destinava-se a impressionar a mente dos homens com uma grande verdade – verdade de que Deus é a fonte de toda bênção a Suas criaturas, e de que a Ele é devida a gratidão do homem pelas boas dádivas de Sua providência." (*Patriarcas e Profetas*, pág. 525).

E mais. Deus queria desenvolver, aprimorar e aperfeiçoar o caráter do homem, extirpando dele o egoísmo e restaurando nele a Sua imagem; tornando-o, desse modo, co-participante de Cristo no maravi-

lhoso plano da redenção e nas alegrias da recompensa eterna. Em Isaías 53:11, lê-se que Jesus Cristo "verá o fruto do penoso trabalho de Sua alma e ficará satisfeito". Sim, Ele deseja que o homem participe também dessa grande felicidade.

"Deus planejou o sistema de beneficência sistemática a fim de que o homem se pudesse tornar como Seu Criador: de indolente benevolente e abnegada, e ser finalmente co-participante de Cristo, da eterna glória, gloriosa recompensa." (*Mordomia e Prosperidade*, pág. 15).

Ainda segundo o *Comentário Bíblico Adventista*, vol. 6, página 726, "entregar o dízimo e dar ofertas é uma repreensão contínua ao egoísmo humano. Ademais, ajuda ao doador a pôr sua confiança em Deus e não nas coisas materiais (Mat. 6:19-21). Desse modo fica evidente que a entrega do dízimo e a generosa doação de ofertas para o sustento do ministério e o progresso da Obra de Deus em toda a Terra, proporciona bênçãos ao que dá e ao que recebe. Refreia-se o egoísmo, fomenta e mantém o interesse na obra da Igreja. Os ministros têm o dever de educar nesse assunto de ordem econômica aos membros da igreja, para que os crentes possam receber as bênçãos que Deus tem prometido aos que cumprem com o plano divino contido nessa ordenança (1 Cor. 9:13 e 14), e também para fazer prosperar a proclamação do evangelho em todo o mundo".

Por isso, há necessidade de que a igreja nomeie "pastores ou anciãos que sejam dedicados ao Senhor Jesus, e cuidem esses homens de que se escolham oficiais que se encarreguem fielmente ao trabalho de recolher o dízimo. Se os pastores não se demonstrarem aptos para o cargo, se deixarem de apresentar à igreja a importância de devolver ao Senhor o que Lhe pertence, se não cuidarem de que os oficiais que estão sob suas ordens sejam fiéis, e que o dízimo seja trazido, estão em perigo. Estão negligenciando uma questão que envolve uma bênção ou maldição para a igreja. Devem ser alijados de sua responsabilidade, e outros homens devem ser experimentados e provados". (*Mordomia e Prosperidade*, pág. 106).

O segundo dízimo

Enquanto o primeiro dízimo era separado exclusivamente para o sustento dos levitas, do sacerdócio levítico, e posteriormente também do ministério da Igreja, um segundo dízimo era requerido, com outra finalidade: "A fim de promover a reunião

do povo para serviço religioso, bem como para se fazerem provisões aos pobres, exigia-se um segundo dízimo de todo o lucro". (*Patriarcas e Profetas*, pág. 530). Quer dizer, um fim puramente social, caritativo, e também religioso.

Diz a Bíblia: "Certamente darás os dízimos de todo o fruto das tuas sementes, que ano após ano se recolher do campo. E, perante o Senhor teu Deus, no lugar que escolher para ali fazer habitar o Seu nome, comerás os dízimos do teu cereal, do teu vinho e do teu azeite, e os primogênitos das tuas vacas e das tuas ovelhas; para que aprendas a temer ao Senhor teu Deus todos os dias. Então virá o levita (pois não tem parte nem herança contigo), o estrangeiro, o órfão e a viúva, que estão dentro da tua cidade, e comerão, e se fartarão, para que o Senhor teu Deus te abençoe em todas as obras que as tuas mãos fizerem." (Deut. 14:22, 23 e 29).

Desse "banquete eucarístico", como o chamava John Davis, em seu *Dicionário da Bíblia*, banquete das coisas dizimadas, participavam, além do próprio dizimista e sua família, seus servos, o levita, o estrangeiro o órfão e a viúva.

É importante observar ainda alguns procedimentos, no tocante ao segundo dízimo, que deveriam ser cumpridos pelo povo. Cada ano, por dois anos consecutivos em um ciclo de três, o dízimo era separado e levado "perante o Senhor teu Deus, no lugar que escolher para ali fazer habitar o Seu nome", ou ao lugar em que estava estabelecido o santuário. Antes de o governo central ser estabelecido em Jerusalém, onde foi construído o grande templo, Deus fez habitar o Seu nome em vários lugares onde o santuário era fixado (I Sam. 7:16; Amós 4:4).

Segundo Ellen White, "depois de apresentarem uma oferta de agradecimento a Deus, e uma especificada porção ao sacerdote, os ofertantes deviam fazer uso do que restava para uma festa religiosa, da qual deviam participar os levitas, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas. Assim, tomavam-se providências para as ações de graças e festas, nas solenidades anuais, e o povo era trazido à associação com os sacerdotes e levitas, para que pudesse receber instrução e animação no serviço de Deus".

No terceiro ano, o plano sofria alteração, e o segundo dízimo devia ser comido em casa, na própria cidade ou lugar onde o dizimista morasse: "Ao fim de cada três anos, tirarás todos os dízimos do fruto do

terceiro ano, e os recolherás na tua cidade." (Deut. 14:28). "Quando acabares de separar todos os dízimos da tua messe no ano terceiro, que é o dos dízimos, então os darás ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para que comam dentro das tuas cidades, e se fartem." (Deut. 26:12).

Então, o dizimista orava solenemente: "Tirei o que é consagrado de minha casa, e dei também ao levita, e ao estrangeiro, e ao órfão, e à viúva, segundo todos os teus mandamentos que me tens ordenado; nada transgredi dos teus mandamentos, nem deles me esqueci. Dos dízimos não comi no meu luto, e deles nada tirei estando imundo, nem deles dei para a casa de algum morto; obedeci à voz do Senhor meu Deus; segundo a tudo o que me ordenaste, tenho feito. Olha desde a Tua santa habitação, desde o Céu, e abençoa o Teu povo, a Israel, e a terra que nos deste, como juraste a nossos pais, terra que mana leite e mel." (Deut. 26:13-15).

Assim como primeiro dízimo, o segundo também foi ordenado por Deus para ser uma grande bênção espiritual e temporal ao povo, uma vez que "proveria um fundo para fins de caridade e hospitalidade". Diante disso, é fácil entender a declaração do salmista: "Fui moço, e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão." (Sal. 37:25).

Cremos, particularmente, que o princípio assistencial envolvido no segundo dízimo também é válido para os nossos dias. "Não é propósito de Deus que os cristãos, cujos privilégios excedem em muito aos da nação judaica, dêem menos abundantemente do que deram eles. 'A qualquer que muito for dado', declarou o Senhor, 'muito se lhe pedirá.' (Luc. 12:48). A liberalidade requerida dos hebreus era-o em grande parte para beneficiar sua própria nação; hoje em dia a obra de Deus se estende por toda a terra. Cristo tinha colocado nas mãos de Seus seguidores os tesouros do evangelho, e sobre eles colocou a responsabilidade de dar as alegres novas de salvação ao mundo. Nossas obrigações são muito maiores, seguramente, do que o foram as do antigo Israel." (*Atos dos Apóstolos*, pág. 337 e 338).

O terceiro dízimo

Um terceiro dízimo existente na Bíblia é chamado de "dízimo dos dízimos", conforme Números 18:26: "Também falarás aos levitas, e lhes dirás: quando receberdes os dízimos da parte dos filhos de Israel,

que vos dei por vossa herança, deles apresentareis uma oferta ao Senhor: os dízimos dos dízimos."

Os levitas, como é sabido, não receberam herança na terra de Canaã, tendo o Senhor lhes destinado os dízimos do povo de Israel. Privilegiado com o ministério sacerdotal, Arão, sendo da tribo de Levi, igualmente não recebeu herança. Mas o Senhor mesmo Se declarou sua herança (Núm. 18:20).

Para manutenção dessa nobre classe sacerdotal e suas respectivas famílias, Deus instituiu uma lei que estabelecia os direitos e deveres dos sacerdotes e levitas, no tocante às ofertas e dízimos. Essa lei tinha o resguardo da imutabilidade: "Disse mais o Senhor a Arão: Eis que Eu te dei o que foi separado das Minhas ofertas, com todas as coisas consagradas dos filhos de Israel; dei-as por direito perpétuo como porção a ti e a teus filhos." (Núm. 18:8).

Nos versos 26 e 28 do mesmo capítulo, é dito que de todos os dízimos recebidos do povo, os levitas deveriam separar a décima parte, ou seja, o dízimo dos dízimos, e entregá-la aos sacerdotes. A tríplice repetição dessa ordem (vs. 29, 30 e 32) indica que o que fosse separado pelos levitas, como dízimo dos dízimos, deveria ser a melhor parte de tudo, sugerindo assim que a seleção deveria ser bastante criteriosa.

Esse era o "dízimo dos dízimos" – o terceiro dízimo. Não se tratava dos dízimos do povo. Era o dízimo dos levitas, separado dos dízimos recebidos dos filhos de Israel, para manter com dignidade a grande linhagem sacerdotal.

E assim deve ser ainda hoje. Ao receberem sua porção, ou auxílio de manutenção, dos dízimos que fiéis irmãos fazem chegar ao tesouro do Senhor, pastores e obreiros devem também separar o seu dízimo e devolvê-lo ao Campo ao qual servem. É o dízimo dos dízimos.

O princípio do dízimo prevalece na Igreja Adventista, porque é o plano divino para sustento do seu ministério em todos os níveis. Vivê-lo e ensiná-lo às nossas congregações é nosso dever, como adverte Ellen White:

"Solene responsabilidade repousa sobre os pastores, qual seja a de expor perante as igrejas as necessidades da causa de Deus e ensiná-las a ser liberais. Quando isto é negligenciado, e as igrejas deixam de contribuir para as necessidades de outros, não somente a causa do Senhor sofre, mas é retirada a bênção que deveria vir sobre os crentes." (*Atos dos Apóstolos*, pág. 341). □

Onde a dor termina



O Instituto Adventista de Ensino, campus de Santo Amaro, ao realizar a I Jornada Brasileira de Psicologia do Aconselhamento Cristão, nos dias 22 a 25 de janeiro, exerceu uma das funções legítimas do ideal universitário: tornar acessível o saber elaborado e refletido de mestres e doutores, para a comunidade. No planejamento e na promoção da Jornada, foi encontrado e declarado o público-alvo: psicólogos, pastores evangélicos, conselheiros, orientadores educacionais, preceptores, capelães, professores de ensino religioso e estudantes de áreas afins.

Em nome dos que ouviram os eminentes palestrantes convidados para o evento, registramos aqui nosso agradecimento ao IAE; agradecimento esse que vai acompanhado de felicitações pela realização de tão importante encontro. Aos ilustres oradores, nosso respeito e admiração.

Os manuais de administração eclesástica procuram analisar a Igreja sob aspectos diversificados. Nesta oportunidade, mencionaremos apenas dois deles:

1. A Igreja é um grupo de cristãos. Trata-se de um organismo ao qual Jesus Cristo dá vida espiritual. É centralizada em Cristo, mas voltada para as pessoas. A Igreja não existe para seu próprio bem como uma instituição, mas para o bem de seu povo. Cada doutrina deve ser defendida não somente com base em sua veracidade, mas também, tendo em vista sua

contribuição para que as pessoas se tornem semelhantes a Jesus. A verdade e a doutrina são significativas para Deus, mas apenas quando ajudam as pessoas.

2. A Igreja é um lugar de cura para pessoas feridas. A enfermaria do pronto socorro de um hospital continha o seguinte cartaz afixado na parede: "A dor termina aqui."

Que bênção seria se toda congregação, toda instituição pudesse honestamente colocar um cartaz com os dizeres "a dor termina aqui"! As pessoas iriam, aos milhares, a um lugar que detivesse ou lhes ajudasse a enfrentar sua dor espiritual, emocional, existencial. Ecoa num mundo enfermo um brado a pedir saúde.

Há uma infinidade de almas arranhadas pela dor da perda. Jovens perplexos diante das incertezas, dos enigmas e desafios da construção de si mesmos. O mundo está enfermo pela ansiedade daqueles que estão ou se sentem sós. Há mentes pressionadas pela ansiedade e torturadas pela depressão. Famílias ameaçadas pelos conflitos. Impasses e rompimentos carentes de reconciliação. Corações necessitados da terapia do perdão.

Mas há de se constatar, também, que uma imensa maioria está em busca de conselhos que lhe mostrem um caminho seguro e firme. É aqui que reside nosso grande desafio. Ao nosso redor, há uma demanda exaustiva por conselhos. Mas nos deparamos com a realidade de que não existem conselheiros suficientemente capacitados para atender de maneira eficaz a essa demanda.

Embora a essência do drama da humanidade permaneça a mesma desde o Éden – a luta contra o pecado e seus implacáveis efeitos –, a vida se tornou mais complexa, cheia de nuances e matizes, estruturas sociais fragmentadas, pressões e desafios massacrantes. Para lidar com esse novo contexto, são necessárias abordagens planejadas, conhecimentos acumulados, domínio da psicologia e das novas dinâmi-

cas dos relacionamentos humanos. Essas disciplinas avançaram muito com o passar do tempo.

Nesta altura, fazemos uma justificada ponderação: "Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios." (Sal. 1:1). Ímpio significa sem Deus. Felizes são os que não andam segundo o conselho daqueles conselheiros que insistem em viver sem Deus. Para os quais Ele não tem importância, Seu poder é ilusório, e o certo e o errado se tornam relativos. Daí concluirmos que uma indispensável característica de um conselheiro cristão é estar com Deus, "Aquele que é grande em conselho". (Isa. 32:19).

A verdadeira sabedoria para aconselhar vem do Senhor. Do verdadeiro e eficaz conselheiro cristão requer-se preparo específico e uma clara compreensão da vontade de Deus. Escrevendo aos romanos, Paulo propõe uma reflexão muito útil àqueles que desejam ser conselheiros cristãos: "Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o Seu conselheiro?" (Rom. 11:34); e ele mesmo responde: "Nós, porém, temos a mente de Cristo." (1 Cor. 2:16).

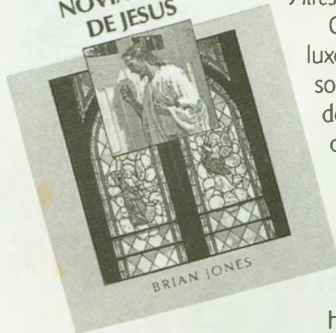
O conselheiro cristão deve ter a mente de Cristo, uma mente espiritual. Deve entender também que ele próprio carece de conselho e deve estar sempre em sua mente a oração do salmista: "Tu me guias com o Teu conselho, e depois me recebes na glória." (Sal. 73:24).

Ao proceder a descrição da atividade do Salvador do mundo, Isaías O identifica, entre tantos títulos, como "Conselheiro" (Isa. 9:6). E a que cena constante assistimos nos Evangelhos? Ao Senhor Jesus envolvido diretamente em sessões de aconselhamento pessoal, atividade que não podia separar das metas principais de Seu ministério, como o modelo a ser imitado por Seus discípulos.

Eis, portanto, o desafio para os que desejam ser Seus discípulos efetivos: aconselhar como Ele aconselhou. – José M. Viana. □

LIVROS

LA IGLESIA: NOVIA REGIA DE JESUS



LA IGLESIA: NOVIA REGIA DE JESUS

– Brian Jones, *Asociación Casa Editora Sudamericana, Av. San Martín 4555, 1602, Florida, Buenos Aires, Argentina; 127 páginas.*

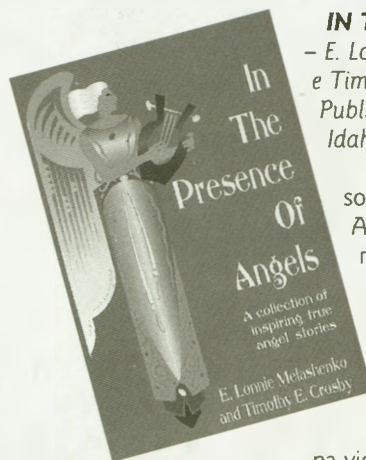
Que é a Igreja? Um lugar de luxo para cristãos com tempo de sobra, ou uma bênção opcional descartável, segundo as conveniências de cada um? É uma organização política para religiosos mercenários interessados em posição e poder? Um refúgio para os hipócritas, ou algo

honrado e bom? O propósito deste livro é mostrar o plano de Deus para

tornar Sua Igreja uma fortaleza num mundo em rebelião. Uma fortaleza tal que as portas do inferno não prevaleçam contra ela.

IN THE PRESENCE OF ANGELS

– E. Lonnie Melashenko e Timothy E. Crosby, *Pacific Press Publishing Association, Boise, Idaho, EUA; 256 páginas.*



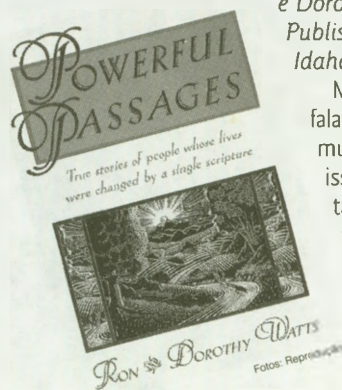
Tem-se falado e escrito muito sobre anjos, atualmente.

Alguns livros focalizam seu ministério sob o ponto de vista da Nova Era; outros apresentam os anjos como bebês que morreram. Neste livro, os autores

apresentam uma seleção de experiências ocorridas na vida de muitas pessoas, de acordo com a visão das Escrituras Sabragas.

POWERFUL PASSAGES

– Ron e Dorothy Watts, *Pacific Press Publishing Association, Boise, Idaho, EUA; 191 páginas.*



Muito freqüentemente, ouvimos

falar de algum texto bíblico que mudou a vida de alguém. Como isso acontece? Possui a Bíblia tanto poder capaz de transformar trevas em luz, incrédulos em crentes? *Powerful Passages* relata acontecimentos incríveis e inspiradores na vida de pessoas que experimentaram esse poder. Ótima fonte de

ilustrações para sermões e assuntos para devocionais.

EL EVANGELIO EN LA CALLE

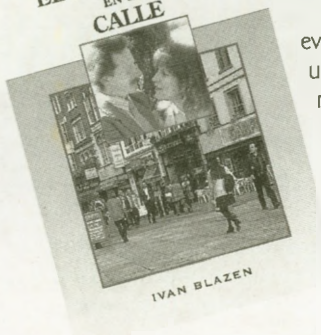
– Ivan Blazen, *Casa Editora Sudamericana, Buenos Aires, Argentina; 127 páginas.*

O que acontece quando o evangelho chega a um centro urbano e famoso por sua história, riqueza, seu poder político e administrativo, comércio, turismo internacional, atletismo, suas religiões, filosofia, licenciosidade moral, etc? A primeira carta de Paulo aos coríntios nos dá um vislumbre do cristianismo primitivo e sua

relação com o mundo; bem como a

maneira pela qual os crentes se relacionavam mutuamente. Os problemas enfrentados pelos cristãos de Corinto também são válidos para os cristãos atuais.

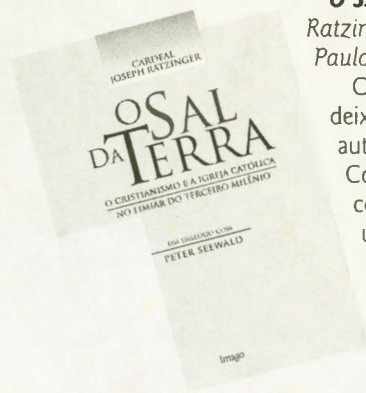
1 CORINTIOS EL EVANGELIO EN LA CALLE



O SAL DA TERRA – Joseph Ratzinger, *Imago Editora, São Paulo, SP; 223 páginas.*

O grande número de fiéis que deixam as suas fileiras abalam a autoridade da Igreja Católica.

Como reage essa instituição, com quase dois mil anos, a uma das crises mais difíceis de sua história? É a pergunta que este livro procura responder de maneira clara e corajosa. □



80
páginas

Manual de Procedimentos

Para as Reuniões Administrativas da Igreja

7 razões

para você adquirir este manual

1. Traz princípios e regras para sessões administrativas da igreja.
2. Apresenta os deveres e direitos dos membros e oficiais em reuniões administrativas.
3. Contém regras do discurso e do uso da palavra.
4. Apresenta normas de ética para o funcionamento de comissões.
5. Contém sugestões de como apresentar assuntos a uma assembléia.
6. Traz regras para a consideração e discussão de propostas (moções).
7. Contém citações de Ellen G. White sobre comissões e reuniões administrativas.

Procure no SELS mais próximo ou peça diretamente à

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-000 - Tel.: (015) 250-8800 - Fax: (015) 250-8900

